

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Mestrado em Educação

MIRIAM SAIKI

**EDUCAÇÃO E TRAVESSIA NUM TEMPO INSÓLITO: DA
SOLIDÃO DO OLIGARCA AO NOVO IMIGRANTE**

Itatiba

2018

MIRIAM SAIKI – R.A. 002201600995

EDUCAÇÃO E TRAVESSIA NUM TEMPO INSÓLITO: DA SOLIDÃO DO OLIGARCA AO NOVO IMIGRANTE

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca de Defesa do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação

Área de concentração: Educação, Sociedade e processos formativos

Orientadora: Profa. Dra. Luzia Batista de Oliveira Silva

Itatiba

2018

301.175.1 Saiki, Miriam.
S139e Educação e travessia num tempo insólito : da solidão do oligarca ao novo imigrante / Miriam Saiki. – Itatiba, 2018. p.92

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.
Orientação de: Luzia Batista de Oliveira Silva.

1. Teoria Crítica. 2. Modernidade. 3. Solidão do Oligarca. 4. Novo Imigrante. I. Silva, Luzia Batista de Oliveira. II. Título.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO

Miriam Saiki defendeu a dissertação “EDUCAÇÃO E TRAVESSIA NUM TEMPO INSÓLITO: DA SOLIDÃO DO OLIGARCA AO NOVO IMIGRANTE” aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 27 de fevereiro de 2018 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



Profa. Dra. Luzia Batista de Oliveira Silva
Orientadora e Presidente



Prof. Dr. Bruno Pucci
Examinador

(participação por parecer escrito)

Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães
Examinadora

A minha mãe Chie, imigrante japonesa, pelas lições de vida, de amor, de sabedoria e esperança.

Ao meu pai Isamu, pelas preciosas lições de vida, amor e humildade, que após 50 anos, retornou ao Japão, terra dos ancestrais, mas quis o destino que ele se despedisse numa praça ornamentada de beleza pela natureza - a praça das cerejeiras, em pleno esplendor com suas flores e cores!

AGRADECIMENTOS

A Luzia, minha orientadora. Agradecer é pouco por tudo o que me ensinou. Grande mestre, apontou para as estrelas e mostrou uma constelação. Obrigada, de coração.

Ao Scarpa, não haveria retomada, não chegaria a lugar nenhum, se não estivesse comigo. “Se você vier. Até onde a gente chegar. Numa praça na beira do mar. Num pedaço de qualquer lugar. Nesse dia branco. Se branco ele for”. (Geraldo Azevedo)

Ao Vitor, filho, do encontro com o seu pai, você chegou para colorir as paisagens do cotidiano. Agora, em meio à aridez do dia-a-dia você é a vereda que sempre vale a pena sonhar.

Obrigada a todas as pessoas que cruzaram o meu caminho e contribuíram para que eu tecesse os fios do meu destino acadêmico e humano e fizeram desta insólita travessia do saber um caminho possível.

Aos **amigos**, colegas de trabalho e companheiros de disciplinas, grata pelos encontros que foram essenciais para minha pesquisa, como os imperdíveis almoços na padaria. Nada disso seria a mesma coisa, sem o calor transmitido por vocês.

A Maria de Fátima Guimarães, meu carinho especial.

À **Universidade São Francisco**, gratidão pela Bolsa de Pesquisa que possibilitou meus estudos e aprimoramento acadêmico nesta árdua, mas saborosa e vitoriosa jornada de aprendizado.

TRAVESSIA

*“O sertão é dentro da gente”
Esse sertão não é feito apenas
de aridez e provação,
mas também de alívio e beleza
em meio à solidão”.*

[João Guimarães Rosa, *Travessia*]

RESUMO

A dissertação de mestrado *Educação e travessia num tempo insólito: da solidão do oligarca ao novo imigrante* foi realizada no PPGSS em Educação da USF, na linha de pesquisa – Educação, Sociedade e Processos Formativos. Trata-se de um ensaio como forma, uma reflexão filosófico-educativo com vieses históricos e sociológicos sobre a modernidade a partir de um recorte - final do século XIX e início do século XX. O objeto de estudo é o oligarca da modernidade, em especial, o da cidade de Itatiba – SP. O objetivo geral foi um estudo da modernidade constituída a partir das revoluções burguesas europeias no contexto do processo civilizatório das grandes metrópoles, com destaque para o universo dos colonizadores e colonizados, geograficamente distantes mas inseridos na dinâmica do sistema colonizador. Os problemas: quem é o oligarca desse período? Como se constituía a cidade de Itatiba nesse período? Que educação os imigrantes recebem nesse período? Os objetivos específicos: Identificar no oligarca patriarcal as referências imperiais de uma monarquia em transitividade para a modernidade; analisar a afirmação de um poder justificado pela posse da terra sob rígida fé da tradição, da família e da propriedade reduzida neste momento a uma solidão oligárquica movida pela sombria perspectiva dos novos tempos; investigar como os novos atores - os emergentes da expulsão liberal europeia, os novos (i)migrantes traziam em sua bagagem o delírio da esperança, a frieza burguesa e o repensar da educação enquanto formação em seu papel social. A pesquisa se justifica pela tentativa de replicar ideias e sensações sob a luz de aforismos construídos pelos pensadores da Teoria Crítica da Sociedade: Theodor Adorno e Walter Benjamin e estudiosos contemporâneos que ampliaram nossa compreensão das categorias da dialética, da estética e da frieza burguesa. Na dimensão do imaginário, no que tange a solidão do oligarca, chamamos por Gaston Bachelard. Na questão da solidão, recorreu-se à literatura na obra de Gabriel Garcia Márquez - *Cem anos de solidão*. A leitura e análise dos autores permitiu uma visão abrangente da teoria crítica, da historiografia e da literatura, possibilitou narrar e relatar os (des)caminhos de uma sociedade agrária em suas relações primordiais na passagem para uma sociedade urbana, no breve século XX. Sintetizando, conclui-se que solidão e frieza são alegorias semelhantes e, em suas sombras pode brotar uma educação do possível. A metodologia de trabalho deste ensaio se configura como uma reflexão hermenêutica dos elementos estudados e analisados.

Palavras-chave: Teoria crítica, modernidade, solidão do oligarca e novo imigrante

ABSTRACT

The present research deals with modernity from a cut, with the end of the 19th century and the beginning of the 20th century as a guideline to analyze a multifaceted time in different directions. It aims to develop a study of modernity constituted from European bourgeois revolutions in the context of the civilizational process of the great metropolises, as well as the universe of the colonized, geographically distant but inserted in the dynamics of the system. From then on, to identify in the patriarchal oligarch tied to the imperial references of a monarchy the transitivity to the modernity; to analyze the affirmation of a power justified by the possession of the land under rigid faith of the tradition, of the family and of the property reduced at the moment to an oligarchic solitude moved by the dark perspective of the new times; (i) migrants, bringing in their baggage the delirium of hope, bourgeois coldness and rethinking education as a formation in their social role. The research is justified by the attempt to replicate ideas and sensations in the light of concepts or aphorisms constructed by the thinkers of The Critical Theory, Theodor Adorno (1992) and Walter Benjamin (1993), also contemporary scholars throughout re-readings of a time that allows and broadens the understanding of the conceptual trajectories of dialectics, aesthetics and bourgeois coldness. And in the dimension of the imaginary, in the understanding of the solitude of the oligarch we call Gaston Bachelard in his dimension of the poetic reveries. Methodologically, it is an essay, literature is used as a possibility of a pertinent rereading made by the writer Gabriel Garcia Marquez (2003) in *One Hundred Years of Solitude*. Thus, the reading of the main representatives of critical theory, historiography and literature made it possible to narrate and report the (dis) ways of an agrarian society in its primordial relations in the transition to an urban society in the brief twentieth century. It is concluded that solitude and coldness are allegories alike, and in their shadow in a possible education.

Key words: Critical theory, modernity, solitude of the oligarch and new migrant

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AESP – Arquivo do Estado de São Paulo

AP – Arquivo Privado

APAA – Arquivo Privado de Altino Arantes

CIA - Companhia

CMC – Centro de Memória da Unicamp

CPEF – Companhia Paulista de Estrada de Ferro

ESTADÃO – Jornal o Estado de São Paulo

IHGB – Instituto de História e Geografia Brasileira

IHGSP – Instituto de História e Geografia de São Paulo

LTDA - Limitada

PR - Paraná

SP – São Paulo

TJC – Tribunal de Justiça de Campinas.

USP – Universidade Estadual de São Paulo

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Anjo sobre pedra.....	p. 19
Figura 2 – Trilhos de trem	p. 23
Figura 3 – Anjo alado	p. 35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A FORMAÇÃO.	17
O VELHO OLIGARCA: CERCANIAS POSSÍVEIS	34
O grande segredo: as relações de parentesco.....	38
O esquecimento: episódio da peste da insônia	41
As borboletas amarelas: sinal de morte	43
As guerras e revoltas: fuzilamento dos trabalhadores.....	44
Decifrando o pergaminho: a hora da verdade	47
O VAGAMUNDO E A FRIEZA BURGUESA.....	52
A educação e a formação: uma experiência de vida.....	65
EM SÍNTESE.....	73
REFERÊNCIAS.....	76
ANEXOS	80
ANEXO I –Títulos nobiliários.....	80
ANEXO II – Sobre o Barão de Itatiba	82
ANEXO III - Ensaio Fotográfico.....	83

INTRODUÇÃO

Mais do que redescobrir a história em um momento, é fundamental contar com a possibilidade de fazer e refazer uma outra leitura de um mesmo tempo. Com este espírito é que a navegação por e sobre as narrativas de um tempo, em especial a travessia dos séculos XIX e início do XX está sendo percorrida por mim. Não ignoro que quanto maior a caminhada maior o descaminho. Pergunto-me como poderei decifrar os fragmentos de um tempo digerido também por mim como socióloga durante dezenas de anos nas modestas aulas de história e sociologia no Ensino Fundamental e Médio, linearmente e rigidamente “resolvida”? Como e por que devo eu também “abrir as gavetas” e me permitir verificar quão pertinente pode ser assumir a admissão do fracasso da experiência (“*Erfahrung*”? Estas têm sido as inquietações que me permitiram e me conduziram para o devaneio através de novos olhares, novos saberes e novas práticas de ler, estudar, aprender e narrar as construções e desconstruções sociais, históricas, humanas, filosóficas e pedagógicas.

A compreensão do contexto na construção da modernidade europeia já é um desafio ímpar, e nesta reflexão pretende-se estendê-la na dimensão de suas relações coloniais. Este é um apontamento para direções inusitadas de um mesmo fato: a modernidade. A racionalidade como justificativa plausível para a ciência é vista com precaução. Até que ponto é possível reconhecer que a racionalidade omite a sensibilidade na tentativa de excluir a ambiguidade nos discursos e garantir o seu poder e controle sobre a vida e sobre as pessoas? Pode-se enquadrar no campo do esquecimento? Indagações que acabaram por esbarrar necessariamente no conceito de educação enquanto formação. Educação que instiga o repensar da vida e da morte.

A trajetória de investigação foi se configurando como um emaranhado de tensões, caminhos e descaminhos, de inquietações sem respostas e algumas constatações que ainda não se cruzam convenientemente com as inúmeras divagações que estão soltas, perdidas ou tentando se esquivar e se perder de meu campo sensível e racional.

A meada com fios rebeldes e soltos é o meu fio condutor, é a essência humana, a vida, seja ela composta por elementos da materialidade ou da imaterialidade, quer sejam teológicos ou apenas partes do imaginário, da racionalidade ou simplesmente da arte numa estética da vida. Enfim, a complexa teia de saberes e (des)saberes do homem e suas relações sociais provocaram e fizeram seguir adiante as investigações.

Neste sentido, apontar para o passado, como o historicismo, Benjamin (2011, p. 224) afirma na tese V, no texto *Sobre o conceito de história*, um de seus últimos escritos, que:

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. 'A verdade nunca nos escapará' — essa frase de Gottfried Keller caracteriza o ponto exato em que o historicismo se separa do materialismo histórico. Pois irrecuperável é cada imagem do passado que nos textos, se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela. (p.224).

Este é o momento do revés, qual seja, uma leitura desse passado tendo em vista o que virá pela frente, o futuro. Esta leitura alerta o historiador para que se evite uma “atitude contemplativa do historiador tradicional”. (LÖWY, 2014, p. 62) Benjamin desenvolve aqui o conceito de dialética na contraposição entre a “natureza de uma imagem salvadora que se propõe à superação – *Aufhebung* – das contradições entre o passado e o presente, a teoria e a prática” (LÖWY, 2014, p. 63).

Tomando como ilustração a transição da sociedade escravocrata brasileira apoiada na Igreja, Exército e Monarquia para uma sociedade cuja mão-de-obra se institua como “livre”, o cenário é complexo e tem a dinâmica da modernidade tocando pilares cuja tradição aparentemente se mostrava imutável. Costa (1999), em seus estudos sobre o declínio da monarquia no Brasil e a formação republicana, aponta que,

Com a Abolição houve um deslocamento do poder político. Acelerou-se a decadência da oligarquia tradicional que detivera o poder durante o Império e se identificara com a Monarquia. Abalaram-se os fundamentos sociais do sistema monárquico no Brasil. No ano seguinte, era proclamada a República. O poder econômico concentrou-se nas áreas mais dinâmicas. No Oeste Paulista o café cultivado nas terras roxas produzia safras nunca vistas. Tinham-se aperfeiçoado os métodos de beneficiamento de café, construído ferrovias que revolucionaram o sistema de transportes e experimentara-se o trabalho livre. Formara-se um novo grupo social, uma nova oligarquia que irá controlar o poder político durante a Primeira República (COSTA. 1999. P.340)

Há uma possibilidade migratória de poder, cujos movimentos podem ser percebidos num relato de um mero viajante estrangeiro pelo país. Max Leclerc (1942), um francês percorrendo o Brasil no período da Proclamação da República, escreve em seu livro *Cartas ao Brasil*, suas impressões,

A revolução está terminada e ninguém parece discuti-la mas aconteceu que os que fizeram a revolução não tinham de modo algum a intenção de fazê-la e há atualmente na América um presidente da República à força. Deodoro desejava apenas derrubar um ministério hostil. Era contra Ouro Preto e não contra a Monarquia. A Monarquia caíra. Colheram-na sem esforço como um

fruto maduro.” Falara-se em cumplicidade dos fazendeiros, mas a seu ver a verdadeira cumplicidade era a do silêncio e da força de inércia. ‘O edifício imperial, mal construído, edificado para outros tempos e outros destinos, já não bastava às necessidades dos novos tempos. Incapaz de resistir à pressão das ideias, das coisas e dos homens novos já se tornara caduco e tinha seus alicerces abalados.’ Max Leclerc, *Cartas do Brasil*. Trad., prefácio e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942. P. 17, 18 e 19)

Trata-se de impressões acerca de uma Monarquia que caíra pela concentração de poderes nas mãos do imperador, pelo seu envelhecimento ou a falta de controle político? São justificativas circunstanciais aquém do anacronismo histórico-social.

Para Gagnebin (1985, p. 16),

... a história aberta de Benjamin se aplica à preocupação de salvar o passado no presente, graças à percepção de uma semelhança que transforma os dois. Transforma o passado porque este assume uma nova forma, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como a realização possível da promessa anterior – uma promessa que poderia se perder para sempre, que ainda pode ser perdida se não for descoberta inscrita nas linha atuais.

A Teoria Crítica da sociedade advoga uma percepção não-linear da história. Nesse sentido, o ponto de partida para uma reflexão do século XIX na América começa sob a batuta liberal europeia. Num olhar atento, conforme os objetivos mais específicos, compreender através de seus atores dominantes a constituição da modernidade em lugares longínquos geograficamente e aparentemente distante da possibilidade de assumir as rédeas de sua história, normalmente percebido como muito natural. Brecht, dramaturgo alemão (1930) em seu poema *A Exceção e a Regra* já dava sinais de alerta ao perigo:

Nunca diga isso é natural
Diante dos seres e das coisas
Nunca diga isso é natural
Num mundo onde corre o sangue
Em que o arbitrário tem força de lei
Nunca diga:
Isso é natural!

No cenário brasileiro, com a grande propriedade rural de bases escravagistas, a oligarquia alimentava sonhos de realeza com da aquisição de títulos nobiliárquicos adquiridos através da compra ou favores comprometedores com a ordem local. (Figura 1). Era a afirmação de uma classe com aspirações de um Absolutismo que aparentemente se findara com as grandes revoluções burguesas, mas cujos ecos ainda eram mantidos com suas garras, um poder que se esvaía por entre dedos, ao som do liberalismo europeu anunciando o toque de Midas: a riqueza, a prosperidade e a ilimitada possibilidade de acumulação escondia-se sob o manto do trabalho livre

numa nova mercadoria. Em seu interior, no exercício de um poder patriarcal, violento e autoritário escamoteado pela religiosidade em seus santos protetores e também da moral e bons costumes vigentes, o velho coronel imaginava ostentar o cetro da transição para a modernidade, deixando para trás os elementos que o sustentaram desde os primeiros séculos da expansão comercial e colonial europeia, na qual inseriu o Brasil nos quadros do antigo sistema colonial como identificou Novais (1976).

Escravismo, tráfico negreiro, formas várias de servidão formam, portanto o eixo em torno do qual se estrutura a vida econômica e social do mundo ultramarino valorizado para o mercantilismo europeu. A estrutura agrária fundada no latifúndio se vincula ao escravismo e através dele às linhas gerais do sistema, as grandes inversões exigidas pela produção só encontram rentabilidade, efetivamente, se organizada em grandes empresas. (p. 62)

Em sua Tese VI, Benjamin (1993, p.224) afirma que

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso.

Apropriar-se da história tal qual foi, pode se configurar como uma representação ou um delineamento sucessivo de fatos oriundos de discurso da elite. Ao contrário, a ameaça que a memória do sujeito histórico, da tradição das classes revolucionárias e oprimidas produz sobre a história confortável, alegre e recheada de sucessos contínuos do progresso e modernidade, “aguça a sensibilidade pelas anteriores, suscita o interesse dos vencidos pelo combate, estimula um olhar crítico voltado para a história”. (LÖWY, 2014, p. 65)

Este trabalho ao focar a transitividade do século XIX para o século XX, numa análise reflexiva sobre os sujeitos de uma época e suas inimagináveis relações com o objeto identifica em suas relações, ao que Benjamin define como o autômato, o fantoche denominado de **materialismo histórico**, qual seja, de um lado o velho oligarca, e de outro, o novo imigrante, este errante desde a sua chegada ao velho novo mundo.

Algumas considerações sobre a metodologia são importantes, trata-se de um ensaio com objetivo de explorar através do sujeito do oligarca, personagem fundamental do século XIX, nas esferas do poder brasileiro, desde os tempos da monarquia colonial transitando pela institucionalização da República e vivenciando a chegada da modernidade corporificada de elementos desconhecidos de sua esfera.

Para empreender este trajeto, recorreu-se a dois elementos fundamentais: num primeiro momento, a retórica da teoria crítica, a partir de uma hermenêutica que não despreza a constituição humana em sua íntegra mas ao contrário, solidifica seus sentidos no âmbito das sensibilidades, da estética e da arte. Assim, Benjamin, autor que tece uma crítica voraz à modernidade alertando a humanidade para a inóspita destruição da aura com a materialização galopante pautada na mercantilização generalizada do universo, em que o sagrado e o profano se confundem no reluzir do Iluminismo. Adorno e Horkheimer (1985, p. 11) em *Dialética do Esclarecimento*, iniciam o Prefácio perguntando: Por que a humanidade em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?

Num segundo momento a escolha dos sujeitos. A vasta bibliografia contendo estudos minuciosos sob a ótica da história, da filosofia, da sociologia, da antropologia, da economia, da política serviram de elementos norteadores para uma compreensão mais ampla, mas foi na literatura o encontro com a personificação de uma subjetividade possível de encontrar construídas a partir de horizontes muito diferentes da bibliografia material, da história do livro ou depoimentos. (MÁRQUEZ, 1967)

Chartier (2007) resume numa lição inaugural n.195 do Collège de France/Fayard, a situação acima retratada, ao afirmar que é preciso “escutar os mortos com os olhos”. (p.30).

Para Benjamin (KOTHE, 1976, p.27) o “método não é o caminho de acesso ao objeto, mas o *descaminho*”. O modo de construir um texto parte de uma intertextualidade dinâmica, onde nada é definitivo, ao contrário tem como referência diferenças que se contrapõem através de verdadeiros mosaicos de fragmentos que se iluminam e são iluminados compondo assim uma verdadeira “constelação”. (p.108). E quando discorre sobre a hermenêutica literária afirma Kothe (1976, p30)

Como ocorre num sonho, que pode ser analisado como se fosse um texto, na escrita alegórica o conteúdo latente pode significar eventualmente bem o contrário do conteúdo manifesto. O texto do conteúdo latente é traduzido pelo trabalho do sonho para o texto do conteúdo manifesto, e o trabalho do psicanalista é um trabalho hermenêutico de descoberta do sentido verdadeiro daquilo que aparece.

Em 1924, Benjamin escreve no ensaio as *Treze Teses contra Esnobes* sobre a necessidade de distinguir a obra literária do documento, na verdade a colocação de uma percepção necessária para melhor caminhar no universo das letras enquanto documentos. Para ele, a relação entre as obras é intensiva, rompendo qualquer

esquema linear, buscando decifrar na literatura, uma “historiografia inconsciente, o lado oculto da historiografia oficial e o registro da experiência humana”, contrapondo desta forma a obra literária ao documento. (KOTHE. 1976, p. 50 e 109).

Quadro I

Treze Teses com Esnobes

OBRA LITERÁRIA	DOCUMENTO
I – O artista faz a obra	O primitivo se expressa em documentos
II – Só de passagem a obra de arte é um documento	Nenhum documento é, enquanto tal, obra de arte
III – A obra de arte é uma obra-prima	O documento serve como peça didática
IV – Na obra de arte artistas aprendem o <i>métier</i>	Através de documentos um público é educado
V – Obras de arte distanciam-se uma das outras pela perfeição	No assunto se comunicam todos os documentos
VI – Conteúdo e forma são na obra de arte algo uno: <i>Gehalt</i> (conteúdo + forma)	No documento o assunto predomina de modo total
VII – <i>Gehalt</i> é o experimentado	Assunto é o sonhado
VIII – Na obra de arte o assunto é um peso morto, que a crítica joga fora	Quanto mais se aprofunda um documento, tanto mais densamente: assunto
IX – Na obra de arte a lei formal é o cerne	No documento as formas são apenas espargidas
X – Em síntese, a obra de arte é: central energética	A fertilidade do documento requer: análise
XI – Lida e relida, uma obra de arte se amplia	Um documento só consegue atingir pela surpresa
XII – A hombridade das obras está no ataque	Para o documento, sua inocência é uma trincheira
XIII – O artista, sai à conquista de <i>Gehalter</i>	O homem primitivo se entrincheira atrás de assuntos

Kothe, Flávio R. **Para Ler Benjamin**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1976, p.50.(Adaptado pela pesquisadora).

Este trabalho se apresenta numa sequência assim organizada:

O componente intitulado **A história, a memória e a formação**, tem como proposta situar o contexto do trabalho, priorizando a formação e a circulação das relações sociais através dos diferentes atores sociais atuando e produzindo suas memórias e criando identidades num movimento lúdico e poético. Outrossim,

afirmando-se numa retórica do racionalismo e num discurso da modernidade em curso em seu tempo. O tempo. Em que tempo? Por que tempo? Qual o tempo?

Em seguida, sob o título **O velho oligarca em suas cercanias possíveis** tem-se como objetivo a partir do universo da modernidade em suas contradições nuas e cruas através da história, da literatura e da estética com personagens transitam por um tempo carregado de racionalidades e humanidades, amarrando-se e desatando os nós de uma engrenagem desconexa: o coronel e seus solitários fantasmas. Percorrendo ao longo de cinco referências: O grande segredo: as relações de parentesco; O esquecimento: episódio da peste da insônia; As borboletas amarelas: sinal de morte; As guerras e revoltas: fuzilamentos dos trabalhadores e A hora da verdade: decifrando o pergaminho

Aparentemente é o homem à frente de sua invenção e lá adiante é o mesmo sujeito fugindo e sendo atropelado pela sua própria invenção. Para tanto, a leitura de Gaston Bachelard (1990), filósofo francês, também foi um desses caminhos percorridos para justificar as não-linearidades dos fatos e das coisas através de seus devaneios poéticos num diálogo possível com Benjamin, que analisa Baudelaire e suas soturnas perambulações visionárias sobre Paris do século XIX metamorfoseando-se na tênue linha entre a lucidez e a loucura humana.

Em seguida, a partir da escolha do novo imigrante em vastas terras de ninguém é a constatação de que o movimento se altera no que concerne à força humana. Abre-se aqui uma narrativa pessoal, num relato sobre a experiência de vida de um migrante japonês e a concepção educativa.

Em Síntese, trata-se de algumas reflexões ou indagações acerca da dificuldade incomensurável de articular ou compreender o ser humano. A transmutação humana como resultado da complexa teia e emaranhado humano, num percurso contínuo e insistente pela sobrevivência do eu. A difícil arte de decifrar os seus pergaminhos.

“ A vela não ilumina um quarto vazio, ela ilumina um livro”.

Bachelard, (1996, p. 54)

A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A FORMAÇÃO

“A chama, dentre os objetos do mundo que nos fazem sonhar, é um dos maiores operadores de imagens”. Bachelard (1996, p. 54)

O século XIX pode ser identificado, de um lado como um período de explosões da racionalidade brutal movido pelo instinto humano, outrora adormecido, e nesse momento apoiado em possibilidades sem limites da capacidade humana de cientificar, sistematizar e justificar o que a natureza por si só sempre se fez presente na vida do ser humano em sua mais primária concepção da relação homem/natureza. Mas também, uma outra face, aparentemente imobilizada no tempo, cuja dinâmica é perceptível de modo grotesco apoiada no poder da propriedade da terra e sustentada por uma sedutora moral burguesa. O encontro das inúmeras e incontáveis travessuras de um tempo que transpira numa aparente mudança ou na sedimentação de um caminho cujo poder se reduziria apenas na ambição pela materialidade.

Entretanto, esta contradição de encontros e desencontros só pode ser visualizada quando estamos despidos de julgamentos moralizantes e imediatistas ou mesmo vislumbrando um século quantitativamente delimitado por algarismos, tal como na referência de um tempo visto de acordo com o historiador inglês, Thompson (2015, p. 271):

(...) o trabalho do amanhecer até o crepúsculo pode parecer ‘natural’ numa comunidade de agricultores, especialmente nos meses da colheita: a natureza exige que o grão colhido seja colhido antes que comecem as tempestades. E observamos ritmos de trabalho ‘naturais’ semelhantes acompanhando outras ocupações rurais ou industriais (...) A notação do tempo que surge nesses contextos tem sido descrita como orientação pelas tarefas.

É o caso do “*Alter Bridge*¹”, uma conexão possível entre dois tempos, como o daquela pessoa que tem pressa, mas não sabe esperar. São como as águas caudalosas de um rio ao encontro do oceano, de longe um mar sereno, de perto turbulências enganosas num movimento alegre e sedutor.

O tempo aqui simbolizado pelo oceano nos parece um universo de beleza, de esplendor e de surpresas, um lugar do inusitado, inesperado, como o prazer e o

¹ Em inglês, *Alter Bridge* significa conectar dois tempos díspares.

perecimento, tal, como a letra da música, um poema do compositor Dorival Caymmi (1954):

O mar quando quebra na praia
É bonito, é bonito

O mar... pescador quando sai
Nunca sabe se volta, nem sabe se fica
Quanta gente perdeu seus maridos seus filhos
Nas ondas do mar

O mar quando quebra na praia
É bonito, é bonito

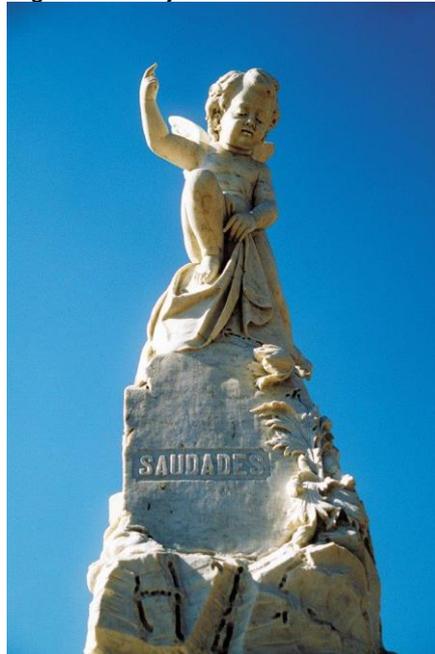
Thompson (1998, p. 271/272) apresenta o ordenamento do tempo evocando três questões importantes: o tempo marcado pelas tarefas que parece mais compreensível do que o tempo de relógio; a pouca separação entre a vida e o trabalho e finalmente a explicação de que aqueles que se asseguram através do relógio, seu trabalho tem um caráter de urgência, já, aquele que tem na vida o trabalho tende a pensar que há um desperdício de tempo. Na música *Iansã*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil (1973) esse tempo emblemático é contemplado no verso:

Senhora das nuvens de chumbo
Senhora do mundo
Dentro de mim
Rainha dos raios
Rainha dos raios
Rainha dos raios
Tempo bom, tempo ruim

Assim, a leitura desse tempo possível se fez através do olhar do *Angelus Novus* de Paul Klee, descrito por Walter Benjamin na tese IX sobre o conceito de história (1993), o qual lança um olhar para o passado em imagens de ruínas.

O imenso e frio cemitério sem limite,
Onde repousa, à luz de um sol pálido e terno,
Quando povo existiu, desde o antigo ao moderno
(Baudelaire, Charles. *As flores do mal*.1995)

Figura 1 – Anjo sobre Pedra



Anjo sobre pedra – Cemitério da Saudade – Campinas (SP)
Escultor: José Pucci
Fotógrafo: Antonio José Scarpinetti

Aqui Benjamin(1993) faz uma relação entre o sagrado e o profano, em que a “tempestade profana sopra do Paraíso” (LÖWY, 2014, p.89). O anjo olha atônito para o século XIX de uma racionalidade infinda e vislumbra uma tormenta varrendo a essência do homem pelos séculos afora. Justifica esse tempo como um futuro que já é pretérito.

O desanuviar do século XIX, que vai serpenteando por lugares e tempos, construindo impérios para seres humanos enclausurados que também se enclausuram na usura e na fartura.

Após os primeiros ecos ululantes das revoluções burguesas europeias se assentarem, o século XIX rasgou o tempo num momento de afirmação e apropriação desenfreada do liberalismo em curso: o Império colonialista. Para Hobsbawm (1977, p.328) “ a década de 1840, a consciência de uma mudança pendente. Não o bastante para explicar o que se sentia concretamente em toda a Europa: a consciência de uma revolução social iminente” .

Um cenário global em que as longas distâncias já não parecem mais impossibilidades, ao contrário, a ferrovia e a navegação a vapor reduziram as viagens transcontinentais. Talvez, fisicamente, passou uma sensação de proximidade Europa-EUA ou EUA-Europa, certamente um fato concreto para ser comemorado diante das grandes descobertas ou do avanço da física, ou até mesmo das vacinas, das energias ou explosões manifestas do gênio humano de todo o século.

Entretanto, o que pensar sobre a heterogeneidade dos continentes? A África? A América do Sul? A Ásia? Incontáveis mundos, prestes a se descortinarem para o autêntico motor liberal. Apoiados em cercanias sólidas e sórdidas de um poder mesquinho e alimentados por lembranças ou memórias de um velho mundo, a figura do velho coronel, latifundiário, dono de muitas léguas de terras, sentado em sua cadeira de balanço vislumbrando sozinho a chegada do velho mundo em sua propriedade, ao som bufante dos pernilongos e envolto nas nuvens de seu velho cachimbo. O sol se põe. É chegada a noite.

A cidade de Itatiba, pequeno município do interior do Estado de São Paulo, não se distanciava da engrenagem dessa passagem; oficialmente com este nome a partir de 1877, Gabuardi (2005) descreve-a:

O nome vem do tupi-guarani **ita**, que quer dizer pedra e **tiba** significa muita. Era uma referência às muitas pedras que podiam ser encontradas na cidade.

O rio Atibaia foi o grande responsável pelo povoamento da região.

Segundo artigo, publicado em 1875 no Almanaque Literário Paulista, de autoria do Major Eugênio Joly, alguns criminosos fugindo de Santo Antônio da Cachoeira (atual Piracaia) e de Atibaia desceram pelo Rio Atibaia. Uma escolta comandada pelo Capitão Lourenço Antônio Leme, foi no encalço dos criminosos, descobrindo-os. Os policiais voltando às suas cidades noticiaram a existência de solo rico e fértil banhado por magnífica bacia. A notícia espalhou-se, iniciando-se uma corrente migratória de famílias de lavradores que foram se assentando em Itatiba (grifos meu).

A capital São Paulo em meados do século XIX não se diferenciava muito deste cenário desbravador. Segundo o censo desenvolvido pelo então,

O marechal Müller, no seu notável recenseamento, levado á efeito em 1836, registrou a presença de 4.068 "fogos", compreendendo um total de 21.933 habitantes, assim discriminados: • Homens Mulheres Brancos 4.715 5.233 Índios 205 240 Pardos 2.813 3.534 Pretos crioulos 1.520 1.632 Pretos africanos 1.209 832 (Müller, Daniel Pedro), Ensaio dum Quadro Estatístico da Província de São Paulo, Tip. Costa Silvéira, São Paulo, 1838, cf. reedição literal impressa na. Secção de obras de "O Estado de São Paulo", 1923)

Em 1840, a população se resumia em 20 mil pessoas aproximadamente. Pelo Decreto Imperial de 27 de agosto de 1827, foi aprovada a instalação da Faculdade de Direito de São Paulo, no antigo Convento de São Francisco, inaugurando-se então em 1º de março de 1828. Para Nelson Werneck Sodré (2007, p. 115) essa inauguração da **Faculdade de Direito** “arrancou a capital da província de seu sono colonial”, e gradativamente ganhou a denominação de “burgo de estudantes”, segundo Silva (1954) numa alusão aos aspectos urbanísticos e sociais da cidade e, considerando-se que:

São Paulo, no período de 1828 até aproximadamente os anos de 1870 ou 1872, foi sobretudo um burgo de estudantes. Esse foi o seu caráter mais acentuado, a condição de que derivaram aspectos mais característicos e mais destacados de sua existência foi a Academia de Direito que principalmente arrancou da capital da província do seu sono colonial e foi a presença dos estudantes que criou condições para que se inserissem em sua existência, alterando-lhe a estrutura e os costumes tradicionais, os hotéis, as casas de diversão, o teatro e as atividades intelectuais. *História e tradições da cidade de São Paulo* (SILVA. 1954, p.455-56)

Na década de 1870 a aristocracia cafeeira investiu na europeização do espaço. Um exemplo peculiar foi a construção do “palacete de dona Veridiana” na Avenida Higienópolis, em São Paulo. Veridiana Valéria da Silva Prado (1825-1910), filha de Antônio Prado, Barão de Iguape, rico proprietário de tropas de mulas e comerciante abastado. Casara sua filha aos 13 anos de idade com seu meio-irmão, fazendeiro de café na região de Mogi das Cruzes. Após muitos anos na vida rural, dona Veridiana

contrariando o rígido sistema patriarcal e assume o comando matriarcal de seus filhos já adultos, o que segundo Martins (2010),

Fez construir então o palacete da Vila Buarque. Ali, criou um estilo de vida que celebrava a multiculturalidade brasileira. **Sua ama de companhia era uma jovem negra, que sabia francês e era pianista. O mordomo era um índio botocudo. Tinha por cocheiro um suíço, que nos fins de tarde a levava a passear de coche pela atual Avenida Higienópolis.** Foi o bastante para que ela se tornasse vítima da língua das matronas de São Paulo. A maledicência chegou aos seus ouvidos. Teria, então, decidido que seu palacete ficaria para um clube masculino, do tipo dos clubes exclusivos ingleses, sendo nele vedado o acesso de mulheres. (Grifos meu)

Antônio da Silva Prado (1840/1929), filho de Veridiana, advogado pela faculdade de Direito, do Largo São Francisco, com especialização em Paris, foi chefe de polícia em SP e deputado geral (1869-1872) pelo partido conservador durante o II Reinado.

Num apelo poético de Ismael Silva (1954), sua canção “*Antonico*” parece alertar para a verdade urbana de seu tempo, ao clamar poeticamente:

Ôh Antonico
 Vou lhe pedir um favor
 Que só depende da sua boa vontade
 É necessário uma viração pro Nestor
 Que está vivendo em grande dificuldade
 Ele está mesmo dançando na corda bamba
 Ele é aquele que na escola de samba
 Toca cuíca, toca surdo e tamborim
 Faça por ele como se fosse por mim

Até muamba já fizeram pro rapaz
 Porque no samba ninguém faz o que ele faz
 Mas hei de vê-lo muito bem, se Deus quiser
 E agradeço pelo que você fizer (meu senhor)

Fazendeiro, Antonico foi o primeiro prefeito da cidade de São Paulo, incentivando a construção de ferrovias, financiou, presidiu e comprou a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF) a velha e conhecida *Paulista* cujas linhas escoaram toneladas de sacas de café unindo cidades e transportando fortunas não menos que às próprias como a ferrovia ligando o município de Pirassununga à sua fazenda. Enquanto isso, em Itatiba, a Estrada de Ferro Itatibense (2009) foi aberta oficialmente em 1890,

Da estação de Louveira, no km. 76 da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, saía um pequeno ramal, com bitola de 1,00 m. e cerca de 20,116 km. de extensão que, depois de servir a duas localidades, Luiz Gonzaga e Tapera Grande, alcançava finalmente Itatiba. Esse ramal constituía-se na Companhia Itatibense de Estradas de Ferro, ferrovia que, desde sua

inauguração sempre foi praticamente uma subsidiária da própria Paulista com cujo tráfego seus trens mantinham correspondência².

Figura 2 – Trilhos de trem



Fonte: Estrada do Sal – Paranapiacaba (SP)

Foto: Antônio José Scarpinetti

² The Geocities archives: <http://www.oocities.org>. acessado em 3/11/2017

No entanto, nem tudo transcorria numa harmonia incontestada, quando se referia aos conflitos de interesses particulares, conforme relato, no mínimo curioso de Pereira (1904), citado em um artigo intitulado “*Política e Legislação de Estradas de Ferro*”,

...para contestar um aumento ilegal de tarifas (50%), efetuado em abril de 1.898, pretendeu depois a Companhia entrar 'espontaneamente' no regime da lei nº 30 de 13 de julho de 1892, citada. As suas tarifas, elevadas sucessivamente em setembro de 1893, com o adicional móvel, em dezembro de 1895 e em abril de 1898, tornaram-se proibitivas, não podendo, por isso a Companhia vencer a concorrência do transporte em costas de animais, sendo assim obrigada a reduzi-las....³.

Enfrentado os seus percalços, a modernidade já se fazia presente num movimento sem volta, segundo Gabuardi (2005),

Em 1873, a iluminação pública chegou às principais ruas de Itatiba. Após aprovação da Câmara Municipal, a Empresa de Iluminação Globe Gaz implantou um sistema a base de nafta. No início do século XX, a grande novidade era a luz elétrica e os itatibenses começaram a sonhar com ela. Em 1906 houve uma grande festa em comemoração a chegada da energia elétrica. Na fazenda Salto Grande, foi feita uma barragem para a construção de uma usina hidrelétrica no rio Atibaia, na divisa entre Itatiba e Campinas.

A urbanização era um fato. Costa (1979, p.28) afirma que nesse sentido, a medicina através do conceito de “higiene” liberta-se da tutela jurídico-administrativa, das “antigas técnicas de submissão, formulando novos conceitos científicos, criando táticas de intervenção”, congregando assim, “harmoniosamente os interesses da corporação médica e objetivos dessa elite agrária”. Em Itatiba,

No final do século XIX, os poços perfurados nos quintais eram a principal fonte de água potável para os moradores. O esgoto era depositado em fossas, quando não escorria a céu aberto pelas ruas. Em junho de 1898, com as casas já preparadas, Itatiba ganhava a sua rede de distribuição de água encanada. A preocupação seguinte foi o esgoto. Afinal, ele não poderia ficar escorrendo a céu aberto. Era preciso construir um sistema de esgoto. Após fazer vários orçamentos, a Câmara deu início à obra da rede de esgoto, inaugurada em dezembro de 1906. (GABUARDI, 2005)

A expansão das forças produtivas do capitalismo moderno e o engendramento das próprias relações de produção na ardência do sol tropicalista nem sempre descreve um cenário de afirmação deste modo de produção. Há uma falsa impressão de uma formação social emergente desfocando o caráter subordinado deste modo de produção. Para Franco (1997)

A contradição que encontramos nas origens da sociedade brasileira, ao nível da economia - produção direta de meios de vida e produção mercantil -,

³ The Geocities archives: <http://www.oocities.org>. Acessado em 3/11/2017

desdobrou-se, ao nível da organização social, na síntese difícil das associações morais e das constelações de interesses, e desenvolveu-se, ao nível da organização política, na unidade da vida pública e da vida privada. (p. 240).

Num primeiro momento, o conceito de dialética faz pensar que a modernidade europeia se contrapõe às fantasmagorias coloniais. Mas não, é na dialética negativa de Adorno que apresenta em sua essência a corporificação da modernidade, não a negação, mas, a sua afirmação ou complementação.

Adorno em *Dialética Negativa* (2009, p.17) afirma que,

Um tal conceito de dialética desperta dúvidas quanto à sua possibilidade. A antecipação de um movimento contínuo em termos de contradições parece ensinar, como quer que ele venha a se modular, uma totalidade do espírito ou seja, precisamente a tese da identidade que tinha sido abandonada.

Refletir sobre o movimento do pensamento é tarefa que exige oxigenação e fluidez na relação teoria e *práxis* ou ainda na análise sobre o sujeito e objeto. Para Adorno (2009, p.90), “não é suficiente nesse caso demonstrar à filosofia do ser que não há algo como o que ela denomina ser, pois ela não postula nenhum ‘haver’ como tal.”

Não há possibilidade de atingir com generalizações a totalidade, nem acreditar em verdades absolutas, mas sim, nas possibilidades de recortes e retratos de um tempo fragmentado, traduzindo lampejos estéticos.

A sociedade transformou-se em contexto funcional total, como era pensado pelo liberalismo, aquilo que é, é relativo a um outro, irrelevante em si mesmo. O horror que isso provoca, a consciência crepuscular de que o sujeito está perdendo substancialidade, tudo isso predispõe para que a asseveração faz com que o ser, equiparado de maneira desarticulada àquela substancialidade, sobreviva apesar de tudo a essa estrutura funcional, sem que possa se perder. (ADORNO, 2009, p.63).

Walter Benedix Schönflies (1892-1940), nascido em Berlim e membro da primeira geração frankfurtiana, foi um pensador da modernidade, tal como Adorno, Horkheimer, Herbert Marcuse dentre outros. **O Instituto de Pesquisa Social**, principal instituição responsável pela preservação e estudos sobre a Teoria Crítica com sua preocupação primordial de compreender criticamente a sociedade moderna sob um atento olhar na relação sujeito e objeto. Seu ponto de partida foi o anarquismo numa leitura desconfiada sobre o mundo moderno em construção, depois uma leitura marxista que ultrapassava os limites de sua ortodoxia do determinismo econômico, ao contrário, contemplava uma compreensão da sociedade mais abrangente,

incorporando-a não somente nas esferas de suas relações sociais do contexto capitalista mas um olhar peculiar sobretudo sobre a cultura, em sua ética e estética.

Benjamin se contrapunha diante de um conceito de História linear e progressista, pautada numa sequência de fatos, documentos oficiais ou discursos, ao contrário, para ele, é preciso atenção às questões relevantes da sociedade que não se resumem em “problemas técnicos limitados de caráter científico, mas questões metafísicas de Platão e de Espinosa, dos românticos e de Nietzsche”. (LÖWY, 2005, p.20)

Para Benjamin, “a dialética, devia ser capaz de atravessar o véu da ideologia social, mostrando claramente as causas daquilo que em outros autores aparecia como reflexo mitológico ou fabuloso.” (KOTHE, 1976, p. 101). Nesse sentido,

...as obras de arte são os “anjos” (em hebreu: anjo = mensageiro) que o passado nos envia, mas cujas mensagens o presente a cada momento ameaça esquecer e não entender. Isso ocorre quando os literatos se mancomunam com a classe dominante. (KHOTE, 1976, p.100)

Adorno criticou um artigo enviado por Walter Benjamin ao **Instituto de Pesquisa Social**, em 1938 intitulado “*Paris do Segundo Império em Baudelaire*”. Tratava-se de um texto muito aguardado porque representava o resultado de um longo trabalho do ensaísta filósofo sobre as passagens parisienses do século XIX. Segundo Gatti (2014, p. 180), a crítica adorniana aconteceu, sendo que o artigo foi

...rejeitado, notadamente, pela sua forma de exposição, considerada por Adorno como uma montagem imediata de textos do poeta francês com dados da situação histórico-social da Paris de meados do século XIX. Para Adorno, faltava à exposição de Benjamin uma teoria que permitisse a mediação entre a poesia de Baudelaire e as condições materiais da totalidade do processo social: a ‘determinação materialista de caracteres culturais só é possível se mediada pelo processo total’. (Cf GATTI, 2014, p.180, ADORNO, 2013, p.403).

Adorno, até então, um amigo e discípulo de Benjamin, cobrava um texto mais acadêmico e menos poético. Argumentava sobre a necessidade de articular melhor a teoria dialética com elementos que contemplassem o processo como um todo. Segundo a tradução da carta de Adorno elaborada por Gagnebin (1993, p 78),

A renúncia à teoria afeta a empiria. De fato, essa renúncia confere à empiria um traço falsamente épico, de outro, tira dos fenômenos seu verdadeiro peso histórico-filosófico, transformando-os em fenômenos experienciados de maneira unicamente subjetiva. (...). Para falar de uma maneira drástica, poder-se-ia dizer que o trabalho se alojou no cruzamento da magia com o positivismo. É um lugar enfeitado: só a teoria conseguiria romper o feitiço. (Carta de 10 de novembro de 1938, tradução da autora)

Gagnebin (1993, p. 84) considera que o conceito de mimesis trata de uma “lógica” que “indicaria muito mais uma dimensão de aproximação não violenta”. Ao repensar a mimesis (imitação) em Aristóteles, Gagnebin (1993, p. 4) afirma que “é uma forma humana privilegiada de aprendizado. Não se pergunta o que deve ser imitado, mas como se imita”

Nesse sentido, Gagnebin (1993, p.16) interpreta que, para Adorno e Horkheimer o comportamento mimético é regressivo, “de assimilação ao perigo, na tentativa de desviá-lo. Na tentativa de se libertar do medo, o sujeito renuncia a se diferenciar do outro que teme para, ao imitá-lo, aniquila a distância que os separa. A distância que permite ao monstro conhecê-lo como vítima e devorá-lo”.

Para Adorno e Horkheimer (1985. P.44-5) o esclarecimento nem sempre livra o homem do medo, ao contrário, acaba por aprisioná-lo cada vez mais:

O medo de perder o eu e o de suprimir com o eu o limite entre si mesmo e a outra vida, o terror da morte e da destruição, está irmanado a uma promessa de felicidade, que ameaça a cada instante a civilização. O caminho da civilização era o da obediência e do trabalho, sobre o qual a satisfação não brilha senão como mera aparência, como beleza destituída do seu poder. (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 44-5)

Esta é uma referência para se continuar a reflexão sobre o lugar de memória e tentar compreender o progresso e o seu percurso. D. H. Lawrence (1885-1930), expurgado pelos ingleses ao lançar “*O Amante de Lady Chatterly*” em que discorre sobre problemas sexuais de forma direta e justificada por ele ao afirmar que “minha religião é a crença no sangue e na carne, que são mais sábios que o intelecto”. (PAES, 1967, p.217) escreve uma carta dirigida a Catherine Carswell em 9 de julho de 1916, em meio à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) expõe a sua perplexidade diante do que considera a “loucura da retidão”.

Minha querida Catherine:

Ainda não escrevi para contar que me deram isenção completa de todo e qualquer serviço militar, graças a Deus. [...]. Estou certo de que morreria dentro de uma semana, se me retivessem. É a anulação de tudo quanto um indivíduo significa, esse militarismo, a destruição do próprio germe do nosso ser. Fiquei deveras perturbado. A sensação de desastre espiritual, em toda a parte, era terrificante. [...] Foi isso que o pranto de Cristo sobre Jerusalém nos trouxe: Jerusalém em peso oferecendo-se para a Cruz. A mim, isso parece infinitamente mais aterrorizador do que os Fariseus, Publicanos e os Pecadores seguirem *seu* caminho para a morte. É a isto que o amor pelos nossos semelhantes nos leva: porque um homem morre, morremos todos. Essa é mais terrível das loucuras. E o pior de tudo é que se trata da loucura da retidão. Estes cónios nada têm de belicosos: são pacíficos, brandos, antiquados.

Mais tarde, em 1944, em meio à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Adorno e Horkheimer (2006, p.11-13) no prefácio da obra *Dialética do Esclarecimento* afirmam que,

Se uma parte do conhecimento consiste no cultivo e no exame atentos da tradição científica, em compensação, no colapso atual da civilização burguesa, o que torna problemático é não apenas a atividade, mas o sentido da ciência. O que os fascistas ferrenhos elogiam hipocritamente e os dóceis especialistas da humanidade ingenuamente levam a cabo: a infatigável autodestruição do esclarecimento força o pensamento a recusar o último vestígio de inocência em face dos costumes e das tendências do espírito da época. [...] para a opinião pública o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria e a linguagem em seu encarecimento. [...] o esclarecimento paralisado pelo temor da verdade.

Talvez a resposta de Benjamin ao questionamento de Adorno esteja na essência de suas 18 teses inacabadas por conta da coerência de sua própria *práxis*, distante da ausência de um suporte teórico consistente ou de uma poética aparentemente inconsistente. No ensaio “*Sobre o conceito de história*” (BENJAMIN, 1993, p.226), na tese VIII, o autor questiona que

A tradição dos oprimidos nos ensina que ‘o estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considerado como uma norma histórica. O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no século XX ‘ainda’ sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção da história da qual emana semelhante assombro é insustentável.

A história e a memória do século XIX traduzem-se em relampejos que alertam sobre os momentos de perigo. Em sua inacabada obra *Passagens* (1938), Benjamin deixou inúmeros arquivos, anotações e perambulações sobre Paris do século XIX, numa denotação obscurecida por um expressionismo⁴, dadaísmo⁵ ou surrealismo⁶ para apresentar Baudelaire, um poeta maldito, péssimo marchand de si mesmo, cambaleando pelo submundo urbano cantava em versos e prosa a degradação humana, apoiado apenas nas figuras que a sociedade burguesa e sua sórdida moral excluía: as prostitutas, os bêbados, os drogados, todos carregados pelo vício do ócio,

⁴ Expressionismo, uma arte subjetiva, Paul Klee, George Grosz, Edward Munch

⁵ Dadaísmo, a liberdade de criação, Tristan Tzara, Max Ernst

⁶ Surrealismo, influência dos ideais freudianos, a arte do inconsciente, André Breton, Dalí e Miró.

ócio originado na exclusão e alimentado pelas agonias e angústias existenciais, fazendo a vida parecer banal e sem sentido aos olhos enviesados de descaso da burguesia, que se vê como a autêntica e merecedora com poder para circular, comercializar e barganhar a vida nas belas ruas parisienses.

Para Benjamin, Baudelaire (1995)⁷ é o símbolo da confrontação burguesia, o símbolo para representar Paris no século XIX, como se pode atestar nos seus poemas, especialmente em *As flores do mal*:

O CISNE - A Victor Hugo

I

Andrômaca, só penso em ti! O curso de água,
Espelho pobre e triste onde já resplendeu,
De teu rosto de viúva a majestosa mágoa,
O Simoente falaz que ao teu pranto cresceu,

Rápido fecundou minha fértil saudade,
Como eu atravessasse o novo Carrossel.
Morto é o velho Paris (a forma da cidade
Muda bem mais que o coração de uma infiel);

Benjamin em seu trajeto quase que diário à Biblioteca Nacional de Paris, ao percorrer os 180 metros na Passagem Choiseul, de 1825 sentia-se impregnado por uma passagem literária e de inspiração. Ali (co)habitavam o universo das mercadorias de alto luxo, em vitrines, cafés, livrarias e galerias inspirando a doce vida da modernidade, mas também aquela que esconde em suas cavernas e o lixo da exploração produtiva. Para Konder (1988, p 80), “a burguesia se expôs demais aos seus sonhos: deixou nas ‘passagens’ marcas indiscretas, reveladoras diante do anacronismo de um século que as viu nascer.” Era o discreto charme da burguesia ostentando a identidade de uma nobreza em crise. Tratava-se isto sim, de uma “passagem” que expressava um tempo anterior ao imperialismo.

O exercício da “rememoração” (*Eingedenken*) só tem sentido com a riqueza da experiência. Benjamin (1993, p.198) no ensaio *Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* descreve “dois grupos de narradores anônimos que se interpenetram de maneiras múltiplas”: o camponês sedentário, um profundo conhecedor das histórias e tradições locais e um outro, o marinheiro comerciante, que transmite e relata experiências de viagens. O alerta é para que se constitua a experiência acumulada que se desdobra e se configura numa reminiscência ou

⁷ BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995. P.227 - 228

experiência (*Erfahrung*) cada vez mais enfraquecida na modernidade em detrimento de um novo conceito denominado vivência (*Erlebnis*), característica do indivíduo solitário, isolado, que na imediatez se manifesta principalmente como produto do trabalho mecânico. Esta é uma reflexão para se continuar e tornar presente a arte de narrar, desta forma tornando possível a memória.

É assim que Benjamin percebe em Baudelaire seu olhar de melancolia sobre Paris do século XIX, numa alegoria expressa através de uma poesia lírica, perambulando por entre a multidão e concluindo, Baudelaire em seu segundo canto nos poemas *Flores do Mal*, parte II, dedicado também dedicado a Victor Hugo:

II

Paris mudou! porém minha melancolia
É sempre igual: torreões, andaimarias, blocos,
Arrabaldes, em tudo eu vejo alegoria,
Minhas lembranças são mais pesadas que socos.

Também diante do Louvre uma imagem me oprime:
Penso em meu grande cisne, o do gesto feroz,
Exilado que ele é, ridículo e sublime,
Róido de um desejo infindo! como em vós

Observando as reformas urbanísticas do conde de Haussmann em Paris (1853-1870), embelezadas, arejadas, longas e ventiladas cumpria-se a estética da modernidade, demoliram-se as redes e conexões que possibilitaram ao longo do século o encontro, as discussões e as passeatas revolucionárias de 1830 e 1848. Benjamin, conforme Kothe (1985, p.41), considerou que “Paris vivencia um florescimento da especulação. Especular na Bolsa ocupa o lugar dos jogos de azar herdados da sociedade feudal”. Neste contexto para Benjamin (1968, p. 85), Baudelaire era

um *flâneur*, um homem que passeava sozinho pela cidade, observando-a como um espetáculo. As fantasias do ocioso, no século dezenove, seriam basicamente três: a fantasia da onisciência do estudante, a fantasia da onipotência do jogador e a fantasia da onipresença do *flâneur*. O estudante nunca acha que aprendeu o bastante; o jogador jamais se convence de que ganhou o suficiente; e para o *flâneur* há sempre algo que ainda não foi visto.

Notadamente, num certo momento, fatos relevantes como o enunciar da crise do capitalismo com a Grande Guerra, “expedições agressivas de potências imperiais contra inimigos mais fracos do ultramar” (HOBSBAWM, 1995, p. 31), inquietações nos quatro cantos do mundo vieram à tona, Benjamin(1993, p.220) os define como o

momento do *spleen*⁸ previsível mas não menos catastrófico e que aqui se identifica ao espírito de um Baudelaire, melancólico, deprimido, triste e angustiado: a perda da aura na modernidade já é uma evidência,

A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (grifos meu)

Isso é Paris? Não somente, isso é São Paulo e outras grandes ou pequenas cidades do mundo moderno.

Toda a simbologia civilizatória imersa nos tecidos de algodão ou juta foram dando lugar ao *tweed* inglês, o rapé baiano foi tragado pelos charutos de Havana, a cachaça destilada no interior das fazendas canavieiras foi substituída pela elegante bebida espumante, a *champanhe* francesa e os quitutes da D. Maria foram trocados pelos quitutes servidos com extrema elegância da Confeitaria Colombo.

É a Paulicéia Desvairada de Mário de Andrade em 1922, cravada em seu poema *Ode ao burguês*, que atestam as ruínas do que podemos ver se expressar na tela do *Angelus Novus* de Paul Klee.

Ode ao burguês

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
O burguês-burguês,
A digestão bem feita de São Paulo,
O homem-curva! O homem-nádegas
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
É sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

Éu sempre insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões campeões! Os conde Joões, os duques zurros!
Que vivem dentro de muros sem pulos,
E gemem sangues de alguns mil réis fracos,
Para dizerem que as filhas da senhora falam francês
E tocam *Printemps* com as unhas!

Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhãs!
Olha a vida dos nossos setembros.
Fará Sol? Choverá? Arlequinal
Mas à chuva dos rosais
O êxtase fará sempre Sol!
Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais!
Morte ao burguês-mensal!
Ao burguês-cinema. Ao burguês-tílburil!
Padaria Suiça! Morte viva ao Adriano!

⁸ Nota de tristeza, tédio e melancolia, segundo o *spleen* baudelaireano

- Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
 - Um colar ... – Conto e quinhentos!!!
 Mas nós morremos de fome!

Come! Come-te a ti mesmo, oh! Gelatina pasma!
 Oh! Purée de batatas morais!

Benjamin (1993, p. 226) ao refletir sobre o conceito de história, o tempo e a historiografia encontrou na pintura de Paul Klee, em seu *Angelus Novus* a expressão que vem elucidar o anjo da história. Com “seus olhos escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. (...) seu rosto está dirigido para o passado”.

Este é o olhar da consciência dirigida para o passado, no caso o século XIX. Para Benjamin (1993, p.226)

Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.

Tomar como referência o anjo de Paul Klee no século XIX remete todos os olhares para a ascensão da burguesia, a afirmação liberal, a materialidade desenfreada, a produção sem limites, ao oligarca imerso em sua solidão e os novos imigrantes em mais uma partida, camuflando na racionalidade e na frieza seus desalentos e agasalhando os possíveis sonhos em novos lugares, anunciando um futuro escancarado nos esbugalhados olhos do anjo de Paulo Klee (Benjamin.1993) os ventos da modernidade anunciando a barbárie porque o futuro é pretérito.

A caminho do século XX, século que nasce dos escombros, não se profetiza nada além daquilo que os incessantes ventos da destruição pudesse anunciar. Os ventos que sopraram sob a América também não eram diferentes.

Que distância tão sofrida
 Que mundo tão separado
 Jamás se hubiera encontrado
 Sin aportar nuevas vida
 (Pablo Milanes e Chico Buarque de Holanda **Canción por la unidad de latino américa** Clube da Esquina II – 1978)

Hobsbawm (1995. P. 15) nomeia o século XX como, o breve século como,

...os anos que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS. A Era da Catástrofe, [...] seguiram-se cerca de 25 ou trinta anos de extraordinário crescimento econômico e transformação social, anos que provavelmente mudaram de maneira mais profunda a sociedade humana que qualquer outro período da brevidade comparável.

Que tempos são esses? Para Drummond (1985. P.78) quando poetiza em “Os ombros suportam o mundo”, conclui

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

(ANDRADE, Carlos Drummond, Os ombros suportam o mundo [Sentimento do mundo], 1985:1/7)

Figura 3: Anjo Alado



Fonte: Cemitério da Saudade – Campinas (SP)

Escultor: Wilmo Rosada

Foto: Antônio José Scarpinetti

O VELHO OLIGARCA: CERCANIAS POSSÍVEIS

Quem está só? – O temeroso não sabe o que é estar só: atrás de sua cadeira há sempre um inimigo – Oh, quem poderia nos contar a história do fino sentimento que se chama solidão! – Nietzsche, Aurora, § 249.

A velha república brasileira dos coronéis pendurados em seus vastos pés de café, adentrava o século da modernidade demonstrando que **poder, progresso e fé** não bastavam para garantir a harmonia em seus terreiros. Os tremores das dissonâncias liberais davam mostras de que nem tudo era festa em tempos de *Belle Époque* francesa. Guerras, revoltas, desconfianças e desconfortos. O mundo à beira do precipício: Primeira Guerra Mundial colocando em xeque a modernidade sem limites. O mundo no acolá é o mesmo que o de cá. Saboreando dores, odores, sonhos e pesadelos. Contando cada grão de café, o oligarca deposita o seu credo imaginário no poder e no prestígio de seu latifúndio oriundo das raízes coloniais e escravistas. Mas são outros tempos. A solidão acaba por marcar a sua permanência no tempo ao buscar sempre a si mesmo: solidão do poder, do medo, da decadência ou da morte.

Bachelard (1884-1962), em suas reflexões classifica a materialidade imaginativa que poderiam se traduzir na chamada “Lei dos quatro elementos”, associadas

ao fogo, ao ar, à água ou à terra. E,(...) toda poética deve receber componentes de essência material, é ainda essa classificação pelos elementos materiais fundamentais que deve aliar mais fortemente as almas poéticas. (BACHELARD, 2016, p. 3)

Compreender a dimensão do imaginário e dos complexos advindos da esfera do inconsciente humano significa transcender a dimensão da ciência, ou seja, deve sugerir uma insistente busca da compreensão humana em sua objetividade sem abrir mão da sua subjetividade. Silva (2013, p.15), ao expor o complexo conceitos da imaginação, afirma que a

compreensão do conceito relacionado aos complexos imaginários, cujas imagens, estereótipos e obstáculos, ora aparecem na dimensão da ciência, como verdadeiros entraves ao conhecimento científico, ora aparecem na dimensão estética da arte, especialmente na literatura, como imagem e também como estereótipos sociais e culturais.

Bachelard apresenta nesse sentido, uma possibilidade de completude entre a razão e a imaginação, para melhor compreender a constituição humana, seu espírito e sua consciência. Assim, didaticamente, se o universo humano se resumisse em 24 horas, Bachelard dividiria em duas vertentes: o diurno, representado pela racionalidade epistemológica, o conhecimento exposto objetivamente à luz de uma razão em estado de abertura. E o noturno, a poética, os devaneios, o conhecimento do lado obscuro e subjetivo da natureza humana. Tecendo com isso, uma aproximação fundamental entre a imaginação poética e a racionalidade.

A terra, sob o signo dos devaneios da vontade, assinala um devaneio dinâmico, ativista, marcado pela solidez e pela dureza. Para Bachelard (2001, p. 8)

A terra, com efeito, ao contrário dos outros 3 elementos, tem como primeira característica uma resistência. Os outros elementos podem ser hostis, mas não são sempre hostis. A resistência da matéria terrestre, pelo contrário, é imediata e constante.

Freitas (2003, p. 39) ao comentar a imaginação dinâmica em Bachelard afirma que o elemento *terra* pode se associar por si só como

o impulso criador que mobiliza a energia para o trabalho material pela mão do homem. Cavando a terra, furando a madeira, o *homo faber* quer trabalhar a matéria, quer transformá-la...vamos encontrar a mão dinâmica do sonhador. A matéria resistente provoca, dá ao trabalhador a consciência de sua força (FREITAS, 2006, p.55).

Para Bachelard, o impulso do “contra” manifesto no devaneio da vontade tem em seu caráter primitivo a imaginação. Esse movimento será deslocado pela imaginação dinâmica, percebida na imagem realista, empírica, dura, nua e crua, qual seja, imagens primitivas, nesse caso a da profundidade. Porém, a união do imaginado com o imaginante acaba por resultar numa “imaginação ativista, [...] de uma vontade que sonha e que, ao sonhar, dá um futuro à sua ação.” (BACHELARD, 1990, p.1). Esta, manifesta nos devaneios do repouso, aquele que vem de dentro, é introvertido, que o expõe e o captura como a essência humana através das imagens da intimidade da matéria.

Em *A terra e os devaneios do repouso*, Bachelard levando-se em conta as inúmeras possibilidades de imagens, toma como referência o repouso, o refúgio e o enraizamento onde o inconsciente absoluto que deve ser o fio condutor da vida subterrânea para a alma: “a casa, o ventre, a caverna, trazem a mesma grande marca da volta à mãe”. (BACHELARD, 1990. P 4).

Nesse contexto considerado como um ideal de repouso, quando Bachelard (1990, p.143) refere-se a gruta como “um refúgio no qual se sonha sem cessar. [...] à noite fecha-se a entrada da gruta com uma pedra para dormir em paz.”

Aquele que executa seu ideal de repouso sobre o elemento terra apresenta-se em seus devaneios aquilo que é inerente ao homem, qual seja, seu caráter, sua consciência ou seu desejo. Neste contexto se identifica uma das faces do oligarca: o patriarca, o absoluto em seu reino, o paranoico ou o solitário.

No cenário brasileiro, com a grande propriedade rural de bases escravagistas, a oligarquia alimentava sonhos de realeza através da aquisição de títulos nobiliárquicos adquiridos através da compra ou favores comprometedores com a ordem local. (Figura 1). Era a afirmação de uma classe com aspirações de uma Monarquia Nacional que aparentemente se findara com as grandes revoluções burguesas europeias, mas cujos ecos mantinham com suas garras um poder que se esvaía por entre seus dedos, ao som do liberalismo europeu anunciando o toque de Midas, em que a riqueza, a prosperidade e a ilimitada possibilidade de acumulação escondia-se sob o manto do trabalho livre: ao menor toque, uma nova mercadoria. Em seu interior, no exercício de um poder patriarcal, violento e autoritário escamoteado pela religiosidade em seus santos protetores e também da moral e bons costumes vigentes, o velho coronel imaginava ostentar o cetro da transição para a modernidade, deixando para trás os elementos que o sustentaram desde os primeiros séculos da expansão comercial e colonial europeia, na qual inseriu o Brasil nos quadros do antigo sistema colonial como identificou Novais (1976).

Escravismo, tráfico negreiro, formas várias de servidão formam, portanto o eixo em torno do qual se estrutura a vida econômica e social do mundo ultramarino valorizado para o mercantilismo europeu. A estrutura agrária fundada no latifúndio se vincula ao escravismo e através dele às linhas gerais do sistema, as grandes inversões exigidas pela produção só encontram rentabilidade, efetivamente, se organizada em grandes empresas. (p. 62)

O século XIX brasileiro é marcado por referências políticas importantes. Na madrugada de 24 de janeiro de 1808, fugindo da sentença napoleônica imposta à Casa de Bragança, a Família Real portuguesa desembarcou em Salvador trazendo consigo cerca de 15 mil portugueses integrantes da Corte. Não há como negar o fluxo migratório significativo e a constituição ou imposição de mudanças nos hábitos em seu cotidiano, interferindo diretamente nas condições de consumo. Em 1822, é decretada a independência política do Brasil. A continuidade do processo monárquico,

o reconhecimento de um elite identificada no latifúndio, na monocultura e na escravidão não se altera. E, ao findar deste século, em 1889 é proclamada a República.

Em 1967, o escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez lançava o seu romance mais conhecido, *Cem Anos de Solidão*, narrando através de gerações, a constatação de que a história da família era uma engrenagem de repetições impossibilitada de modificá-la, “decifrar os pergaminhos e tudo o que estava escrito neles era irrepitível desde sempre e por todo o sempre”. (MÁRQUEZ, 2003, p.383)

Nesse sentido, a cidade de Macondo na literatura de Gabriel Garcia Márquez, se configura como o retrato das vicissitudes de uma família, os Buendía ao longo de várias gerações, ilustrando pontualmente a consolidação da modernidade num movimento repetitivo dos fatos. Cinco gerações reproduzindo relações alheias ao seu tempo, a materialidade constituída em objetos, inventos, ferrovias ou urbanidades. Um ano, uma semana ou um século, as gerações de um vilarejo que mantém em suas lembranças a fidelidade da origem de seu segredo como que aguardando o desnudar de um Buendía (Bom dia). Um elemento resume o seu tempo: a solidão.

Melquíades, “o cigano, barba rude e mãos de pardal” (MÁRQUEZ, 1967, p.7) trazia consigo o poder de desvendar o segredo fatal dos Buendía naquelas “epígrafes dos pergaminhos escritas em sânscrito.” (1967, p.381) A vivência do cotidiano, a racionalidade da modernidade, as mudanças aparentes, nada disso foi o suficiente para que fosse apreendido o significado de seu segredo. Esta reminiscência presente narrada por Úrsula, a única sobrevivente das cinco gerações em curso demonstra que a reprodução da memória, enquanto materialidade, mantida nos limites das paredes de sua intimidade, era apenas parte de um todo. Ela vem à tona num relampejo da consciência e é descortinada pela vida oriunda da única possibilidade de seu arrebatamento: legítimo e verdadeiro amor.

Partindo deste contexto, pode-se concluir ou melhor compreender: “porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra”. (2003, p.383). Macondo na literatura de Márquez é uma alegoria de um movimento contínuo que tem em seus romances o destino insólito de cada um, a reprodução de si mesmo num cenário aparentemente em movimento para o novo, tendo como mensageiro um mascateiro, cigano, vendendo a sedução iluminada de uma mercadoria.

Márquez (2003), referência literária escolhida para refletir sobre o oligarca para a construção dos personagens em suas alegorias bem como para a elaboração e compreensão das relações sociais estabelecidas no efetivo desvendamento do mistério da vida. Em sua amplitude social tornou possível identificar nesta travessia para a modernidade elementos que se assemelham e reproduzem sua permanência. A apreensão da educação enquanto consciência ou apropriação de um saber se faz ao longo das incontáveis horas vividas, tornando o imaginário e os fatos históricos palco de uma gama de reflexões e interrogações. Úrsula, a matriarca dos Buendía executa com uma maestria peculiar, a trajetória de cada geração, demonstrando uma sucessão de fatos e episódios no decorrer de cinco gerações que a permanência da memória não se dá através de uma circularidade linear, ao contrário fatos aparentemente repetitivos configuram-se como protagonistas de um novo tempo. A marca de uma identidade que não se dilui ao longo do tempo-relógio, as relações sociais prevalecem, as reminiscências demonstram que o esquecimento é uma aparência. E Bachelard (1989. P. 14) assim explica a resistência ao apagamento,

As fantasias da pequena luz nos levam de volta ao reduto da familiaridade. Parece que existe em nós cantos sombrios que toleram apenas uma luz bruxuleante. Um coração sensível gosta de valores frágeis. Comunga com os valores que lutam, portanto, com a luz fraca que luta contra as trevas.

Cinco referências ilustram esta trajetória. Foram escolhas que permitiram a construção de um parâmetro para o cenário histórico brasileiro, em especial a oligarquia cafeeira no final do século XIX e início do século XX. São elas:

- O grande segredo: as relações de parentesco
- O esquecimento: episódio da peste da insônia
- As borboletas amarelas: sinal de morte
- As guerras e revoltas: fuzilamento dos trabalhadores
- Decifrando o pergaminho: a hora da verdade

O grande segredo: as relações de parentesco

Seu início se resume numa aldeia de 20 casas “de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas brancas e enormes ovos pré-históricos” (MÁRQUEZ, 2003, p.7). Um vilarejo isolado cuja memória dependeria de uma família que trazia consigo segredos

embalados em seu baú pelo temor e “passassem pela vergonha de engendrarem um iguana”, sendo então parentes desta. Casaram-se e,

Durante a noite, lutavam várias horas com uma ansiosa violência que já parecia substituto do ato de amor, até que a intuição popular farejou algo de irregular estava acontecendo, e espalhou o boato de que Úrsula continuava virgem um ano depois de casada, porque o marido era impotente. José Arcádio Buendía foi o último a saber. (MARQUEZ, 2003, p.24)

Assim, num trágico domingo, ao vencer Prudêncio Aguilar numa briga de galo, foi obrigado a ouvir de seu perdedor o reconhecimento pela perda, mas o desafio de ver “se esse galo resolve o caso de sua mulher”. (MÁRQUEZ, 2003, p.25). Essa ofensa foi o bastante para matá-lo. Por sua vez, transformado em fantasmas que permaneceram para aguçar a memória de suas origens no parentesco com sua matrona Úrsula. Uma solidão insana, para justificar a subjetividade moral. Uma atitude em que o lembrar e o esquecer é insuficiente para se sobrepor à própria memória ou existência. A presença inevitável da subconsciência humana.

Benjamin (1993, p. 139) ao se referir a Kafka em seu décimo aniversário de morte relata na relação familiar, conflitos permanentes levando o extremo de um momento de fúria que acaba por condenar seu próprio filho a morrer por afogamento.

O pai é a figura que pune. [...] há muitos indícios de que o mundo dos funcionários e o mundo dos pais são idênticos para Kafka. Essa semelhança não os honra. Ela é feita de estupidez, degradação e imundície. [...] a imundície é o elemento vital do funcionário. (BENJAMIN, 1993, p.139)

Numa madrugada de verão, nasceu a terceira filha dos Buendía em Macondo, seu nome é Amaranta, menina-mulher; apesar de sua feição quase transparente como a de uma lagartixa, para alívio de sua família, trazia consigo “todas as partes humanas”. (p. 33).

A constituição das relações familiares por si só aparentemente distante, cruzam olhares em suas raízes. Na então, vila de Limeira (SP) em dezembro de 1847, região de Campinas (SP), referência significativa para a cafeicultura emergente no Oeste Paulista, dada a qualidade de suas terras, a inserção do plantio em grande escala de café, a união através do enlace matrimonial marcava um evento aparentemente social na elite cafeeira. De fato, o evento demarca outros interesses,

Clara e Manoela Franco de Camargo, filhas do Alferes Franco, casaram-se na vila de Limeira com seus primos José e Bento de Lacerda Guimarães, moradores até então de Belém de Jundiá (futura Itatiba), freguesia paulista pertencente à vila homônima nas proximidades da capital. A estimular os primos nesta migração estava a possibilidade de ascensão socioeconômica através da base familiar, pois como dote, eles receberam a posse de propriedades agrícolas do sogro: Bento se tornou administrador da fazenda

das Araras na vila de Rio Claro; enquanto seu irmão José passou a controlar a fazenda Montevidéo. (SILVA, 2013, p. 197-98).

Nas escritas institucionalizadas da burocracia permanente, prevalece o interesse em salvaguardar à luz da historiografia o bem-querer e o bem-sucedido de uma categoria. Do matrimônio contraído por Bento de Lacerda Guimarães, barão de Araras, com sua prima Manoela vieram cinco filhos. Uma delas, Maria Dalmácia de Lacerda Guimarães que casou-se em segunda núpcias com o seu tio, Segundo barão de Arari, Coronel Antônio de Lacerda Franco, republicano e senador de 1924 a 1930.

Para Benjamin (1993, p.150), o “mundo de Kafka é um teatro do mundo. Para ele, o homem está desde o início no palco”, quer seja para garantir o silêncio de seu segredo ou como afirma Landes (2007, p.49), “o casamento dentro da família apresentava várias vantagens sociais e culturais: o dote continuava a fazer parte da fortuna familiar; hábitos e segredos podiam permanecer desconhecidos de estranhos.”

Do ponto de vista bíblico, o casamento com relações de parentesco é considerado um incesto. Aparentemente no interior da constituição familiar do patriarcalismo oligárquico brasileiro, apesar da tradição cristã e católica, casamentos cosangüíneos não se configuravam necessariamente em um relação de incesto. A salvaguarda da materialidade justificava moralmente a nova família.

Em Macondo, o apocalipse de uma saga se dá com o desvendamento do segredo, qual seja, a materialização de uma profecia anunciada na gênese da família.

A dinâmica incessante da modernidade em curso prevalecia em todos os palcos. José Arcádio Buendía, homem considerado empreendedor havia planejado a construção das casas de tal forma que todos pudessem chegar ao rio, com o mesmo esforço e também usufruir de o calor solar de igual forma. Melquíades, vendendo as bolas de vidro para dor de cabeças, imãs, “sonhos de transmutação e ânsias de conhecer as maravilhas do mundo” (MÁRQUEZ, 2003, p.15 a 18) despertou em Buendia, ignorando a geografia da região, conclama seu povoado para abrirem uma “picada, com foices e machados, para que Macondo se em contato com os grandes inventos”, em busca de uma saída para o mar. Sua mulher Úrsula, se recusa a sair, “ficaremos porque aqui tivemos um filho”, ao que José Arcádio Buendía respondera, “ainda não temos um morto enterrado nele!”

O desvendamento do segredo não se resume aqui num julgamento moral, mas na racionalidade que a medicina moderna se incumbiu de processar diante de possíveis “defeitos congênitos”.

O esquecimento: episódio da peste da insônia

Numa das muitas noites, Macondo fora acometida pela “peste da insônia”. Para José Arcádio Buendía, a vida renderia mais se permanecessem acordados. Porém para a índia, irmã de Cataure,

O mais temível da doença da insônia [...] era o: esquecimento. Queria dizer que, quando o doente se acostumava ao seu ao seu estado de vigília, começavam a apagar-se da sua memória as lembranças da infância, em seguida o nome e a noção das coisas, e por último a identidade das pessoas e ainda a consciência do próprio ser, até se afundar numa idiotice sem passado. (MÁRQUEZ, 2003, p. 45)

Percebendo a gravidade do sinistro, desatou a escrever placas nomeando cada objeto: cadeira, relógio, porco, galinha, vaca... e nos *flashes* de consciência diurna anotava bulas da vida, instruções e instruções sem fim, até se conscientizar de que nada disso tem sentido quando todos esquecessem o “valor da letra escrita” (Márquez, 2003, p. 48). Após 14 mil fichas, numa das noites insones, surgiu um ancião com uma mala, repleta de estranhos objetos. Dá a Buendía um líquido que o faz recuperar a memória. Reconhece Melquíades, seu velho amigo cigano que havia retornado ao vilarejo. Trazia em sua bagagem um laboratório para desenvolver um daguerreótipo, uma máquina para congelar a imagem através da luz e assim eternizar o tempo na memória.

Retornando às anotações de Benjamin, acerca de Kafka (1993, p.156) encerra,

Mas o esquecimento – e aqui atingimos um novo patamar na obra de Kafka – não é nunca um esquecimento individual. Tudo o que é esquecido se mescla a esquecidos do mundo primitivo, estabelece com ele vínculos numerosos, incertos, cambiantes, para formar criações sempre novas. O esquecimento é o receptáculo a partir do qual emergem à luz do dia os contornos do inesgotável mundo intermediário. [...] Aqui a plenitude do mundo é considerada a única realidade. [...]o espiritual, na medida em que ainda desempenha um papel, pulveriza-se em espíritos.

Não há dúvidas de que em Kafka, em suas indagações, inseguranças, medos e desesperos paira uma sensibilidade de um “animal refletindo e ao mesmo tempo cavando suas galerias subterrâneas” (BENJAMIN, 1993, p.157). Para ele “o caçador Gracchus, sob o peso de uma culpa da qual nada quer saber, transforma-se em borboleta”. É a metamorfose ambulante. Conclui, “O que é a corrupção no mundo do direito, a angústia é no mundo do pensamento. Ele perturba o pensamento, mas constitui o único elemento de esperança que ele contém”. (BENJAMIN, 1993, p. 157).

A rememoração é um exercício de reconciliação entre o sujeito e a natureza, muitas vezes o esquecimento surge como forma de apagar o poder silencioso das reminiscências. Gagnebin (1997, p. 83) completa,

...é o signo sempre presente de que a humanidade do homem não repousa somente sobre sua força e seu poder, mas também de maneira secreta, mas tão essencial, sobre suas faltas e suas fraquezas, sobre esse vazio que nossas palavras, tais como fios num motivo de renda, não deveriam encobrir, mas, sim, muito mais, acolher e bordar.

Recordar é viver. Nesse sentido, “criar em arte ‘após Auschwitz’ significa não só rememorar os mortos e lutar contra o esquecimento[...] significa também, acolher, no próprio movimento da rememoração”. (GAGNEBIN, 2006, p. 78)

Leal (2012. P.124) ao analisar as estratégias de manutenção do poder pelas elites oligárquicas, denominadas de coronelistas, afirma que,

O fortalecimento do poder público não tem sido, pois, acompanhado de correspondente enfraquecimento do “coronelismo”; tem, ao contrário, contribuído para consolidar o sistema, garantindo aos condutores da máquina oficial do Estado quinhão mais substancial na barganha que o configura. Os próprios instrumentos do poder constituído é que são utilizados, paradoxalmente, para rejuvenescer, segundo linhas partidárias, o poder privado residual dos “coronéis”, que assenta basicamente numa estrutura agrária em fase de notória decadência.

O período que marca o declínio desta elite, tem como justificativa a constituição de um nova política de Estado, não mais estritamente rural ou meramente familiar. A modernidade impõe o jugo da liberdade conforme a sua concepção. Por outro lado, na compreensão da decadência do “coronelismo” é fundamental lembrar que,

na medida em que se fragmenta e dilui a influência “natural” dos donos de terras, mais necessário se torna o apoio do oficialismo para garantir o predomínio estável de uma corrente política local. (LEAL. 2012.p.125)

A memória é um alerta de que os fatos históricos não se apagam, deixam rastros. Leal (2012. P. 125) observa que no caminho dos oligarcas em tempos posteriores,

O resultado é a subsistência do “coronelismo”, que se adapta, aqui e ali, para sobreviver, abandonando os anéis para conservar os dedos.

As borboletas amarelas: sinal de morte

Com a morte do coronel Aureliano Buendía, Macondo se recolhera em seu luto. Meme filha de Fernanda e Aureliano Segundo, retornara para as férias escolares. Ouvia com respeito os conselhos de sua tataravó Úrsula, sobre os bailes noturnos, sua amizade com norte-americanas desde que “conservasse a firmeza do seu caráter e não se deixasse converter à religião protestante. [...] uma borboleta noturna voejou sobre a sua cabeça enquanto as luzes estiveram acesas. [...] quando as luzes se apagaram, Maurício Babilônia se sentou ao seu lado. [...] Meme se sentiu debater num pântano de desespero. (MÁRQUEZ, 2003, p. 263-64). Úrsula a alertara de que a presença de borboletas amarelas significava um aviso de morte. “Todas as noites, Meme encontrava Fernanda desesperada, matando borboletas com bombas de inseticida. ‘Isto é uma desgraça! Toda a vida me disseram que as borboletas noturnas chamam o azar. [...]’ (MÁRQUEZ, 2003, p. 266). No dia seguinte, Fernanda solicitara que uma guarda noturna fizesse ronda, pois tinha a impressão que havia um ladrão de galinhas em seu quintal. Nessa noite, quando Maurício Babilônia adentrava pelo telhado o banheiro de Meme foi alvejado na coluna. Imobilizado em uma cama,

...morreu de velho na solidão, sem uma queixa, sem um protesto, sem lima só tentativa de deslealdade, atormentado pelas lembranças e pelas borboletas amarelas que não lhe concederam um instante de paz e publicamente repudiado como ladrão de galinhas. (MÁRQUEZ, 2003, p. 267)

Meme viu a última borboleta noturna enclausurada no tenebroso hospital de Cracóvia. “É o chão do mundo germânico e do mundo judeu” (BENJAMIN, 1993, p.159). Algum tempo se passou, e um freira anciã trouxe para D. Fernanda del Carpio de Buendía o pequeno Aureliano, justificado publicamente que viera pela Santa Sofia de la Piedad que o encontrara flutuando numa cestinha. Até os seus 3 anos foi criado na oficina do velho Coronel Buendía.

Para Kafka, segundo Benjamin (1993. P.158),

Odradek é o mais estranho bastardo gerado pelo mundo pré-histórico com seu acasalamento com a culpa.[...] fica alternadamente no sótão, na escada, no corredor, no vestíbulo. [...] é o aspecto assumido pelas coisas em estado de esquecimento. Elas são deformadas. Deformada é a ‘preocupação do pai de família’ que ninguém sabe em que consiste, deformado o inseto [...]

Em sua *Carta ao Pai*, Kafka manifesta seus conflitos existenciais, permeado de um sentimento de culpa, amargura e desamor paterna, "Aliás, também essas impressões amáveis não lograram outra coisa a não ser aumentar minha consciência

de culpa com o tempo e tornar o mundo ainda mais incompreensível para mim." (KAFKA, 1997, p. 42).

Num universo ambíguo de sentimentos e fantasmagorias, ignorando os objetivos de sua vida, questionando a própria existência, cuja temática da solidão acaba por concluir como uma fuga, uma paranoia ou um delírio infundo que acabará inevitavelmente em morte, como as borboletas amarela rondando ao seu redor.

As guerras e revoltas: fuzilamento dos trabalhadores

Após pouco mais de um ano, uma rebelião marcaria para sempre Macondo. Uma greve de trabalhadores, nos povoados da zona bananeira, mobilizados pelo sindicato reivindicava contra a "insalubridade das vivendas, na farsa dos serviços médicos e na iniquidade das condições de trabalho". [...] não eram pagos com dinheiro de verdade, e sim com vales que só serviam para comprar presunto de Virgínia nos armazéns da companhia (MÁRQUEZ, 2003, p. 275).

A greve era geral. Sob a liderança do Coronel Gavilán, que aportara em Macondo meses antes afirmando-se sobrevivente da Revolução Mexicana, portando metralhadoras norte-americanas varreu com suas rajadas impiedosas cerca de 3 mil trabalhadores. José Arcadio Segundo Buendía sobrevivera ao massacre, protegido pelo amontoado de trabalhadores mortos.

É tempo de guerra.

Um tempo sórdido coberto de cenas que somente um narrador como Euclides da Cunha poderia escrever, numa missão para poucos. Um conjunto de 55 telegramas e 22 cartas, compõem seu trabalho jornalístico pela cobertura da Campanha de Canudos ao jornal Província de São Paulo, de agosto a outubro de 1897. Canudos, um arraial baiano com casas construídas de pau à pique, aglomerava em seu redor cerca de 25 mil pessoas sob a messiânica liderança de Antônio Conselheiro, beato, cearense, entre terços e romarias rezava por dias melhores: nada além de um punhado de alimento, água e a esperança no esquecimento que a Monarquia havia proporcionado ao sertanejo ao não se dar ao trabalho de cobrar impostos, intento efetivo e pontual da nova República proclamada. Em 24 de agosto foi publicado um de seus telegramas,

Acabo de assistir na estação da Calçada ao desembarcar de cerca de oitenta feridos que chegam de Canudos e não posso, nestas notas ligeiras, esboçar

um quadro indefinível com o qual se harmonisariam admiravelmente o gênio sombrio e o pincel funereo de Rembrandt.

Ao apontar, vingando a última curva da estrada, o lugubre comboio, a multidão, estacionada na gare, emmudece, terminando bruscamente o vosear indistinto, e olhares curiosos convergem para a locomotiva que se aproxima, lentamente, ariando. Esta pára, afinal, e, abertas as portinholas, começam a sair - golpeados, mutilados, baleados - arrastando-se vagarosamente uns, amparados outros e carregados alguns, as grandes vítimas obscuras do dever. [...]É como uma procissão dantesca de duendes; contemplo-a através de uma vertigem, quasi.

Benjamin (1993, p. 114-15) observa incrédulo que o desaparecimento das “ações de experiência” melancolicamente é um fato,

[...] numa geração que entre 1919 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos.

E isto é decorrente de uma desmoralização dos fatos que poderiam gerar experiência. A modernidade varre da sociedade a possibilidade de compartilhamento e sensibilidade. Para Benjamin, (1993, p.115)

Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado a cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano.

Em tempo de guerra, a memória é a representação de uma experiência, fugaz e efêmera, constituindo-se numa desmemória, um esquecimento ou ainda um lapso de memória. A sua legitimidade só será possível no vislumbre de um sonho, talvez uma experiência possível ou algo significativo.

E quem garante que a História
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória

A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue
(Pablo Milanes e Chico Buarque de Holanda
Canción por la unidad de latino américa
Clube da Esquina II – 1978)

Trata-se outrossim, de algo no limite da atrocidade, aqui a razão humana se perdera há muito, talvez a própria existência à mercê de quimeras. Cunha (1897), em seu afã de relatar, prossegue,

Diversos soldados que ínqueri affirmam - surprehendidos, que o jagunço degollado não verte uma chicara de sangue.
Rude hyperbole talvez, esta phrase é singularmente expressiva.
Affirmam ainda que o fanatico morto não pesa mais que uma criança.
(Estadão Acervo, Publicada no Estado em 18/01/1897)

Vivenciar uma guerra e transformá-la numa experiência possível de ser narrada. Para Cunha (1897) significava procurar identificar elementos que respondessem a questionamentos sem respostas,

Que pelas estradas, ora aberta á passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanha silenciosas e desertas, siga, depois da lucta, modestamente, um heróe anonymo sem triumphos ruidosos, mas que será no caso vertente, o verdadeiro vencedor:
O mestre-escola
[...]Aguardando ainda, aqui, a proxima partida para os sertões, e sob a suggestão perenne dos quadros que tenho exposto, mal releio as linhas que escrevo, longe da tranquillidade de um gabinete de estudo e da inspiração serena dos livros predilectos. (Estadão Acervo, Publicada no Estado em 22/8/1897)

Mas tudo, ainda não é o bastante. O que mobiliza um ser humano a construir ou destruir uma ruína? A insana missão de relatar uma guerra. E assim Cunha (1897) prossegue,

Terminamos o longo interrogatorio inquirindo acerca dos milagres do Conselheiro. Não os conhece, não os viu nunca, nunca ouviu dizer que elle fazia milagres. E ao replicar um dos circumstantes que aquelle declarava que o jagunço morto em combate ressuscitaria - negou ainda.
- Mas o que promette afinal elle nos que morreu?
A resposta foi absolutamente inesperada
- Salvar a alma.
Estas revelações feitas deante de muitas testemunhas tem para mim um valor inestimavel; não mentem, não sophismam e não illudem, naquella idade, as almas ingenuas dos rudes filhos do sertão. (Estadão Acervo, Publicada no Estadão em 27/8/1897)

Esta é a República dos coronéis desatando um pesado carretel sobre a sociedade. Muitos sem reações coletivas, mas inúmeras outras foram as manifestações de luta no campo e na cidade, cada um à sua maneira: a Revolta do Contestado, nos limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina (1912-1916) sob a cruz dos irmãos Maria, a Revolta de Juazeiro sob a liderança de Padim Padre Cícero (1913), venerado como santo pela população, ainda que a partir de um movimento de caráter político com claras conotações de permanência ou manutenção de poder na região.

Decifrando o pergaminho: a hora da verdade'

Tornar presente a arte de narrar, tornar possível a memória. Em Macondo,

Na sonolência da gravidez, Amaranta Úrsula tentou fazer uma indústria de colares de vértebras de peixe(...)Aureliano a acompanhava. (...)atormentado pela certeza de que era irmão de sua mulher, Aureliano deu uma fugida até a casa paroquial para procurar nos arquivos sebertos e furados de traças alguma pista certa de sua filiação. (MÁRQUEZ, 2003, p.336)

Neste momento, nada mais restava senão esperar. Ao nascer, perceberam que o bebê nascera com um rabo de porco. Amaranta Úrsula não resistira. Aureliano,

Ferido pelas lanças mortais das tristezas próprias e alheias, admirou a impavidez da teia de aranha nas roseiras mortas, a perseverança do mato. [...] E então viu a criança. Era uma pelanca inchada e ressecada que todas as formigas do mundo iam arrastando trabalhosamente para os seus canais pelo caminho de pedras do jardim. (MARQUEZ, 2003. P. 381)

Neste instante compreendeu a revelação de Melquíades, o cigano, “o primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último está sendo comido pelas formigas” (Márquez, 2003, p.382 e 383). E antes de chegar ao verso final, já compreendera que não sobreviveria à cidade dos espelhos e miragens e que, “tudo o que estava escrito neles era irrepitível desde sempre e por todo o sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra”.

Benjamin (1993) encerra o ensaio *Sobre o conceito da História* afirmando que

Certamente, os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio nem como homogêneo. Quem tem em mente esse fato, poderá talvez ter uma ideia de como o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo. (p.232)

Perseguir a trajetória oligárquica brasileira e refletir sobre o sujeito do oligarca também é uma sucessão de elementos que num movimento contínuo persegue o mesmo fio da meada da vida. Analisando alguns inventários denota-se através de seus mobiliários e objetos a materialidade sofisticada deixada para seus herdeiros, numa confirmação de que elementos simbólicos de prestígio, valor e poder possibilitariam a continuidade de suas memórias vividas,

O requinte dessas casas podia residir em algo fora da arquitetura propriamente: no modo de vida mais sofisticado, na numerosa criadagem, no mobiliário importado, nas festas... A leitura dos inventários pode jogar luzes sobre esses cenários, trazendo de volta o recheio dos ambientes. Assim, no inventário de Maria Luísa de Souza Aranha, viscondessa de Campinas, de 1879, os diversos móveis e objetos foram arrolados segundo seu ambiente.

Centro de Memória da Unicamp – TJC, cx. 76, pasta 1859; TJC, cx. 211, pasta 4539; TJC, cx. 265, pasta 5224; TJC, cx. 266, pasta 5225, Campinas.

Em cada ambiente, a descrição minuciosa dos objetos, dando a dimensão de seu desgaste ou abandono,

Pela mobília da sala principal contendo um sofá, dois aparadores, meza de centro, com tampa de mármore, 22 cadeiras de assento de palhinha sendo quatro de braços, tudo em bom estado, dois marquezões com colxões, espelho grande, lavatório pequeno com tampo de mármore, criado-mudo, dois pares de jarros pequenos. Pela mobília da segunda sala constando de: uma marqueza, 14 cadeiras com assento de palhinha, sendo duas de braço, dois aparadores, uma meza de centro com tampo de mármore, dois marquezões com colxões, catre antigo com colxão, lavatório ordinário, lavatório com tampa de mármore, piano usado. Saleta da varanda: cama de armação, armário oliado, cômoda antiga em bom estado, lavatório com tampa de mármore, banheira de folha usada. Segunda saleta da varanda: cama do systema antigo e colxão, lavatório com tampa de mármore com suas pinturas, espelho antigo, meza redonda ordinária, cama de criança, cama forrada de couro, criado-mudo, guarda-comida velha. Varanda: dois espelhos antigos, meza antiga de jantar, dita tão bem estragada, duas ditas menores, ainda novas, sofá antigo, cama antiga com cabiceira, armário ordinário, onze cadeiras ordinárias, lampião para kerosene com três globos, relógio com caixa, guarda louça de copa, trem de cozinha, louça de serventia da casa compreendendo aparelho de jantar, chá e christais, latas e mais objetos de *dispensa*

Centro de Memória da Unicamp – TJC, cx. 76, pasta 1859; TJC, cx. 211, pasta 4539; TJC, cx. 265, pasta 5224; TJC, cx. 266, pasta 5225, Campinas

Bachelard (1990) ao se referir aos devaneios do repouso no elemento Terra, em sua imaginação ativista não despreza a imaginação dinâmica e dura, pois ela é inerente à sua configuração e caráter, mas isso não impede que o oligarca se deleite na “casa onírica” (Bachelard, 1990, p. 75),

O mundo real apaga-se de uma só vez, quando se vai viver na casa da lembrança. De que valem as casas da rua quando se evoca a casa natal, a casa da intimidade absoluta, a casa onde se adquiriu o sentido da intimidade? Essa casa está distante, está perdida, não a habitamos mais, temos certeza, infelizmente, de que nunca mais a habitaremos. Então ela é mais do que uma lembrança. É uma casa de sonhos, a nossa casa onírica”.

Altino Arantes Marques (1876-1965), de família abastada e rigidamente envolvida nas raízes da República dos coronéis, estudou numa Escola Jesuítica em Itu e formou-se advogado pelo Largo São Francisco, foi o décimo governador de São Paulo, de onde escreve uma de suas confidências noturnas de seu diário escrito com as penas de seu tinteiro: *Meu diário – registro íntimo de fatos e impressões*.

1º de maio de 1916, segunda-feira: minha posse na presidência do Estado. No tumultuar das impressões desencontradas, que este acontecimento

levanta em meu atribulado espírito, duas se destacam e dominam todas as outras: uma grande surpresa e uma imensa, acabrunhada saudade (...). Surpresa da qual me não refiz ainda, ao ver-me, antes dos quarenta anos de idade, elevado à suprema magistratura de meu Estado natal, sem que eu descubra em mim méritos para tanto, sem que tenha visado jamais, nas minhas atitudes e conduta públicas, tão alta investidura. Não consigo explicar humanamente o estranho caso; e, por isso, a minha alma de crente prefere, singelamente, atribuir à proteção superior de Deus, que nunca me faltou, mas essa dádiva — generosa é certo, compreensiva talvez (...) (Arquivo do Estado de São Paulo (Aesp). Arquivo Privado de Altino Arantes (Aaaa) — lócus: AP91.01.001. Volume 1. 2)

Governara o Estado de São Paulo atuando diretamente pela manutenção de uma política de favores regida pelo “voto de cabresto”, na chamada República Velha. Sua gestão foi marcada pela atuação pessoal na concretização do Convênio de Taubaté, na qual assegurava preços e condições que garantissem a “estabilidade econômica” dos cafeicultores paulista, descartando qualquer racionalidade que a modernidade liberal apregoava em seus princípios primários de Quesnay⁹ *laissez-faire, laissez-passez*. Tinha como lema de seu governo: produzir e economizar, mas acabou se resumindo no governador dos quatro G (gês): Guerra Mundial, Greve Geral, Geada Negra e a Gripe Espanhola. Foi membro efetivo do Instituto de História e Geografia de São Paulo (IHGSP). Como afirma Vidal (2003, p.2)

Nessas publicações posteriores à instalação do regime político republicano não se alteraram significativamente as propostas de coligir e metodizar documentos (inscritas nos Estatutos do IHGB, elaborados em 1839, um anos após a criação do Instituto), nem de interpretar a gênese da civilização brasileira, ambas caras à tradição narrativa da história gestada pelo IHGB.

Mas em seu diário, para Arantes, esta sombra e a companhia de seus momentos íntimos, mantendo perto de si a fé cristã para justificá-lo ou isentá-lo de possíveis agruras:

1o de Maio [1917] — Transcorre hoje o primeiro aniversário de meu governo. Devo ter errado muito, e certo; mas o que se me não poderá contentar jamais é que tenha trabalhado com dedicação e honradez por São Paulo, por seu bem-estar e por seu progresso. Tenho sofrido também muitas e clamorosas injustiças, na apreciação de meus atos e até, de meus propósitos. Isto porém, pouco importa, quando se tem a consciência tranquila e olhos postos em Deus, em Deus que jamais me abandonou, nos transeis mais angustiosos de minha vida e cuja indefectível proteção me conduzirá ao termo feliz de meu quatriênio. (Arquivo do Estado de São Paulo (Aesp). Arquivo Privado Altino Arantes (Aaaa). Locus: AP91.01.001. v. 4.)

⁹ Quesnay, François (1694-1774), economista francês da escola dos fisiocratas.

Fora casado com Maria Theodora de Andrade Junqueira, sobrinha do conhecido e poderoso “Quinzinho”, Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, de Ribeirão Preto (SP). Ficara viúvo e em seguida, casara-se com Gabriela, filha de Quinzinho da Cunha. Seus segredos e desabafos são dirigidos à Maria:

Mas quanto me dói que à inesquecível companheira dos melhores quinze anos da minha existência, que a minha fiel e doce Maria não esteja ao meu lado para compartilhar do meu triunfo! Ela, que só pensava e sentia através do meu sentir e do meu pensar! Ela que exultava nas minhas alegrias e chorava nos meus pesares! Ela que, mais que ninguém, confiava na minha capacidade e antevia os sucessos de minha carreira! Ela, a encantadora visionária que — ao passar comigo diante do Palácio dos Campos Elíseos — murmurava, embevecida, aos meus ouvidos, num carinhoso sorriso de invencível confiança: nossa casa! ... (Aesp. Apaa. Locus: AP91.01.001. v. 1 [1o -5-1916].

Demonstrando, admitindo e confessando todo o patriarcalismo de sua época, coloca-se como um romântico apaixonado pelo seu eu. Para Bachelard (1990, p. 75) “casas erguiam-se ao redor, poderosas mas irreais, - e nenhuma jamais nos conheceu. Que havia de real em tudo isso?”

A terra, enquanto símbolo de poder e domínio, é referência para um patriarcalismo conservador e reproduzidor de condições históricas para que a sua permanência se modifique. Este oligarca percebe que a engrenagem da modernidade é um elo sem volta e que a incorpora rapidamente em seus arredores, acredita que estará a salvo de uma possível derrota apenas acomodando-se em novas cadeiras: o fim da escravidão, a cafeicultura no Sudeste do país e a instituição da República. É neste contexto de ruína que encontra a companhia fatal de uma relação secularmente construída: a solidão.

Montaigne em 1572 em seu *Ensaíos*, cap. 39, livro I, discorre sobre a SOLIDÃO, refletindo sobre as “virtudes e dificuldades de uma vida apartada dos demais”. Trata-se de um elogio à solidão, “ora, sua finalidade, assim creio, é tão somente uma: viver mais à vontade e à gosto”. (MONTAIGNE, 2002, p. 356). Nesse sentido, exalta o Reino do Eu, cuja “exarcebação da esfera do eu, permitiria ao sujeito apartar-se das frivolidades da vida em sociedade”.

No outro extremo, Santo Agostinho, fala da “maledicência da solidão” em que entende a plenitude do ser humano e sua comunidade se resumiria na ausência do divino, na negação da natureza coletiva do ser humano trazendo conseqüentemente o sofrimento e a melancolia. Apesar da discordância, Montaigne e Santo Agostinho mantêm entre si o enlace da solidão na fé cristã.

A solidão exemplifica atitudes de isolamento e aprimoramento do próprio eu, a valorização do indivíduo exaltando o ego e o espírito de Narciso, justificado pela onisciência da racionalidade. Freud (1930) em seus estudos sobre *O mal-estar na civilização* (2010) dimensiona os conflitos da solidão inerentes do sujeito em seu campo social. O refúgio, a fuga ou a indiferença ao outro podem se resumir na “experiência da solidão”.

A analogia entre o processo civilizatório e o caminho do desenvolvimento individual é passível de ser ampliada sob um aspecto importante. Pode-se afirmar que também a comunidade desenvolve um superego sob cuja influência se produz a evolução cultural. Constituiria tarefa tentadora para todo aquele que tenha um conhecimento das civilizações humanas, acompanhar pormenorizadamente essa analogia. Limitar-me-ei a apresentar alguns pontos mais notáveis. O superego de uma época de civilização tem origem semelhante à do superego de um indivíduo. Ele se baseia na impressão deixada atrás de si pelas personalidades dos grandes líderes – homens de 47 esmagadora força de espírito ou homens em quem um dos impulsos humanos encontrou sua expressão mais forte e mais pura e, portanto, quase sempre, mais unilateral. (FREUD, 2010, p.46/47)

Para Benjamin (2000), as aceleradas mudanças impostas pela velocidade do capitalismo impossibilitaram a permanência da memória, em seu lugar, num sentido diametralmente oposto, a consciência. Assim, “a conscientização e a permanência de um traço mnemônico são incompatíveis entre si para um mesmo sistema” (FREUD, Apud BENJAMIN, 2000, p. 108). O papel da consciência é a de receber estímulos para agir no mundo, defender-se dos embates excessivos, cabendo à memória o papel de armazenar experiências. Mas, conclui que, na modernidade a consciência só aparece quando não há mais possibilidade de memória. Assim, não havendo experiência a ser compartilhada ou transmitida resta a vivência que se mantêm em alerta, como um mecanismo de defesa nas situações cotidianas de choque. Melancolicamente, dá o seu veredito de que, sem memória a ser cultivada, o ser humano da modernidade não quer deixar pegadas de seu passado.

O VAGAMUNDO E A FRIEZA BURGUESA

Meia Lua inteira sopapo, na cara do fraco
 Estrangeiro gozador
 Cocar de coqueiro baixo quando engano se enganou
 São dim, dom, dão são bento, grande homens de movimento
 Martelo do tribunal, sumiu na mata adentro
 Foi pego sem documento no terreiro regional

Caetano Veloso – Meia Lua

O crepúsculo de um tempo para o velho oligarca apontado no clarear de seu dia a dia, avaliado pelas incontáveis sacas de café exportadas no porto de Santos, engordando e recheando suas contas bancárias, aos poucos dava sinais de cansaço e mudanças alteraram o rumo dos negócios e da vida.

Tabela I - Produção Cafeeira na cidade de Itatiba - SP

Ano	Quantidade produzida (arrobas)
1850	200.000
1879	300.000
1920	186.000
1935	50.000

Fonte: GABUARDI, Lucimara, 2004, p.27 (Tabela elaborada pela pesquisadora)

Segundo Ribeiro (1985, p.1) o movimento social em torno do epicentro do modernismo também dava mostras de uma reação. Em fevereiro de 1907 foi divulgado pela Diretoria Geral de Estatística o III Censo Decenal da República,

O Terceiro Recenseamento Geral do Brasil registra uma população de 17.384.340 habitantes: um milhão e cem mil deles eram portugueses, espanhóis, italianos e alemães recém-chegados. Japoneses não havia ainda. Era todo um povão fecundo e descuidado que, meio século depois, tinha o mesmo tanto só de analfabetos adultos. A dívida externa, que em libras, cresceu ainda mais frondosamente, em dólares.

Para Bachelard (1993) quando se pensa nos elementos diurnos, esses destemidos viajantes do além-mar se destacariam do elemento Ar. O mensageiro Mercúrio, sem formas definidas, caminhando por entre névoas e vapores boiando por sobre o mar longínquo e bravio atracava sua proa em costas americanas, não outra coisa, senão nestas linhas abaixo do Equador. Assegura-se nesta caminhada, dois elementos: o vislumbre do racionalismo moderno em terras distantes e por outro lado a frieza e indiferença, capaz de disfarçar a solidão e medo para então, embalado na

possibilidade de transitar por entre sonhos e desafios do novo, da configuração de uma nova identidade, da formulação de uma memória desconhecida para muitos, o trabalho haveria de justificar tamanho sacrifício, sua geração e as demais que estavam por virem.

Este migrante que incorporava em si a figura do estrangeiro ou de um viajante em potencial. Segundo Hobsbawm (1996 P.207), no século XIX,

A primeira geração de imigrantes, por mais zelosa que fosse ao tentar aprender as técnicas da nova vida, terminava por viver num gueto auto-imposto, apoiando-se nas velhas tradições e nas memórias do antigo país que tinha abandonado tão prontamente.

Numa redoma protetora para viabilizar a sua existência, Adorno (2009) atesta a frieza burguesa, a designa

a indiferença da vida de todo indivíduo, uma indiferença para a qual se dirige a história: já em sua liberdade formal, o indivíduo é tão cambiável e substituível quanto sob os pontapés dos exterminadores. No entanto, na medida em que o indivíduo, no mundo cuja lei é a vantagem individual universal, não possui outra coisa senão esse si próprio que se tornou indiferente, a realização da tendência já há muito familiar é ao mesmo tempo o que há de mais terrível; não há nada que conduza para fora daí, assim como não há nada que conduza para fora das cercas de arame farpado eletrificadas dos campos de concentração (2009, p. 300)

Hobsbawm (1995, p.209) se questiona em relação aos motivos da imigração: “As pessoas emigravam para escapar às más condições em casa ou para procurar melhores condições no exterior?”

Refletir sobre as repercussões e faces da imigração internacional ocorrida no Brasil entre os meados do século XIX e meados do século XX é o que justifica a escolha do migrante como alegoria fundamental para se revelar a sua constituição e seu papel nas engrenagens da modernidade neste cenário civilizatório. Muitas questões inquietaram e instigaram a pesquisa. Podemos entender o processo migratório internacional como resposta para a concretização da modernidade no Brasil?

Para Hobsbawm (1995, p. 203) a migração de maneira geral, cumpriu papel fundamental para a expansão e desenvolvimento do capitalismo. A metade do século XIX marca o início da “maior migração dos povos da História”. Por isso, “O êxodo rural em direção às cidades, a migração entre regiões e de cidade para cidade, o cruzamento de oceanos e a penetração em zonas de fronteiras, todo este fluxo de

homens e mulheres movendo-se em todas as direções torna difícil uma especificação”. (p.203)

Em estudos desenvolvidos no Núcleo de Estudos de População (NEPO)-UNICAMP em São Paulo, Baeninger (2012) relata que,

No período de 1872 a 1929 entraram 4,1 milhões de estrangeiros no Brasil, sobretudo em São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Rio de Janeiro; tal concentração consiste em fato histórico importante para a composição populacional do país. A proporção de imigrantes que se dirigiu para São Paulo passou de 7% em 1872 para 44% em 1900 e se manteve em torno de 55% até os anos de 1940. (2012, p. 18)

Levy (1974) num artigo intitulado *O papel da migração internacional na evolução da população brasileira, 1872-1972*, divide em três fases ou ondas migratórias internacionais para o Brasil,

ONDAS MIGRATÓRIAS INTERNACIONAIS PARA O BRASIL

1880-1930

PRIMEIRA ONDA OU FASE	1880-1903	1.850.985 europeus
Ponto máximo	1880-1899	1.000.000 italianos
SEGUNDA ONDA OU FASE	1904-1930	1.200.000 europeus e japoneses
TERCEIRA ONDA OU FASE	1918-1930	1.000.000 portugueses, poloneses, russos romenos e japoneses.

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1940. Organizado pela pesquisadora

Para Hobsbawm (1995, p.207))

O imigrante típico, largado em um lugar estranho que o havia recebido de forma suficientemente fria, voltava-se naturalmente para o único agrupamento humano que lhe era familiar e que podia ajudá-lo, a companhia dos compatriotas. A América que havia-lhe ensinado as primeiras frases formais em inglês – ‘Ouço a sirene. Preciso andar depressa’ – não era uma sociedade mas um meio de fazer dinheiro.

A possibilidade de construir uma velha memória, o olhar da história no contrapelo da própria história, repensar as pessoas em sua essência, seu raciocínio ou sua sensibilidade, a capacidade de perceber o outro ou nada disso ou tudo isso. Esse é um exercício diário que a educação dos sentidos ou das sensações pode abrigar. Não há porque admitir o medo, a solidão ou a frieza. Atributos humanos cuja

aprendizagem pode estar no despir de julgamentos fúteis e moralistas e continuar a viver. Nesse sentido, para Bachelard (1989, p. 54) “toda fantasia da chama é uma fantasia admiradora”.

Ungido de um caráter ilustrativo, *uma narrativa pessoal ou uma experiência vivida*, tem como objetivo analisar e refletir a experiência em seu contexto da história da educação brasileira, num desdobramento da condição do imigrante. Trata-se de uma reafirmação da frieza burguesa enquanto moral subjetiva, em sua grande maioria inconsciente do papel à que desempenha, mas conforme Adorno (1995) explicita em *Educação após Auschwitz* (p. 133-4)

aquelas pessoas eram frias de um modo peculiar. Aqui vêm a propósito algumas palavras acerca da frieza. Se ela não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela realmente é em nossa sociedade; se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual -- e provavelmente há milênios — a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde Aristóteles, mas na perseguição dos próprios interesses frente aos interesses dos demais (*Educação após Auschwitz*, 1.995, p. 133-4)

A sociedade burguesa nos trópicos, segundo o olhar liberal europeu já era uma realidade. Hobsbawm (1975, p.239) afirma,

dualidade entre solidez e beleza expressava uma grande divisão entre o material e o ideal, o corpóreo e o espiritual, muito típica do mundo burguês, já que espírito e ideia dependiam da matéria e podiam ser expressos somente através da matéria, ou pelo menos através do dinheiro que pudesse comprá-la... A ligação entre moral, espiritualidade e miséria, tão óbvia nas sociedades não-burguesas, não tinha sido inteiramente eliminada.

Compreender melhor os fluxos migratórios que se espalharam pelo globo numa velocidade compatível com o desenvolvimento dos grandes avanços tecnológicos dos meios de transportes, Hobsbawm (1975, p.240) completa,

a moral burguesa era consideravelmente aplicada; na verdade, talvez tenha se tornado muito mais efetiva a partir do momento em que a massa das classes trabalhadoras "respeitáveis" passou a adotar os valores da cultura hegemônica, e que as classes médias baixas, que seguiam a burguesia por definição, cresceram em número.

Pucci (2012. p.4) ao analisar Adorno em “*Mediação por meio da objetividade*” (2009, p. 149) afirma que,

o filósofo aproxima a teoria da alienação do conceito de não-idêntico. Este se nos apresenta como aquele que habita um mundo que não é o nosso; **é o estrangeiro**. E o sujeito dominante, insatisfeito, porque não tem o controle

sobre o estranho, que se lhe escapa, por sua idiossincrasia e esquisitice, aguça a avidez de incorporação, de perseguição. (grifo nosso)

No contexto histórico no início do século XX, as correntes migratórias internacionais favoreceram a constituição de um “ideal social”, qual seja a perspectiva de vida num local geograficamente distante de suas referências familiares e a possibilidade de formação de um “novo” identitário justificada pela condição subjetiva e moral do trabalho. Não se trata de uma generalização ou homogeneização de cultura, mas sim a afirmação de um modo de ser e sonhar liberal e moderno.

Passados apenas 20 anos do início do novo século e o país celebrava o que Darcy Ribeiro (1985) considerava “1920: o ano do carcamano”. São Paulo se convertera numa cidade “valente e risonha, e servida por uma indústria gráfica capacitada a produzir livros da melhor qualidade.” (RIBEIRO, 1985, p 405)

São Paulo recheadíssima de italianos, é, talvez, a cidade em que mais se fala **italiano**, uma vez que nas metrópoles da península só se falam dialetos. Havia italianos para todos os gostos, mendigos, feirantes, camelôs, desportistas, operários, comerciantes, grandes industriais como: Crespi, Ramenzonni, Scarpa, e até eminentíssimos condes papais como os calabreses Mattarazzo e Siciliano. E também muitíssimos intelectuais macarrônicos. Através de suas sátiras e paródias é que São Paulo melhor expressa o fenômeno fundamental da assimilação dos filhos da massa imensa de imigrantes. Sua brasileirização apaulistada.

Pouco antes, em 1914, ano em que o mundo assistia ao apagar das luzes diante da Primeira Grande Guerra, Monteiro Lobato, acendia uma nova provocação com a publicação de *Uma Praga Nacional*, em dois artigos polêmicos

Sobre o **caipira**, retratando-o caricaturalmente como incapaz de progresso: ‘No meio da natureza brasílica tão rica de forma e de cores... o caboclo é o sombrio urupê de pau pobre, a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive’. (RIBEIRO, 2003, p.282).

Em 1918, ano em que os tratados de paz foram assinados, Lobato lança *Urupês* onde se redime de alguma forma o seu retrato do **caipira**, afirmando que “seus males vêm da falta de saúde, de instrução e de assistência”: (RIBEIRO, 1985, p. 343)

Perdoa, pois, pobre coitado opilado e crê no que te digo ao ouvido: tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico... és tudo isto sem tirar uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa desta terra. Os outros, os que falam francês e, senhores de tudo, te mantêm nesta gueena infernal para que possam, a seu salvo, viver vida folgada à custa de teu dolorido trabalho, esses, meu caro Jeca Tatu, esses têm na alma todas as verminoses que tu tens no corpo. Doente por doente, antes tu, doente só de corpo.

Na virada do século, o país vivia um verdadeiro *Samba do Crioulo Doido*, qual seja, de um lado com o fim formalizado da escravidão, uma horda de negros e seus descendentes perambulavam pelas periferias sociais. A oligarquia cafeeira, em sua entusiasta crença de mudança republicana apostava na possibilidade de acumular maiores riquezas aliadas ao exercício de poder. Neste contexto, a chegada de inúmeras e inúmeras levas de migrantes europeus.

Não sou brasileiro,
 Não sou estrangeiro
 Não sou brasileiro,
 Não sou estrangeiro
 Não sou de nenhum lugar,
 Sou de lugar nenhum
 Não sou de São Paulo, não sou japonês
 Não sou carioca, não sou português
 Não sou de Brasília, não sou do Brasil
 Nenhuma pátria me pariu
 Eu não tô nem aí
 Eu não tô nem aqui
 Compositores: Antonio Bellotto / Antonio Carlos Liberalli Bellotto / Arnaldo Filho / Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho / Charles Gavin / Charles De Souza Gavin / Marcelo Fromer / Sergio Affonso / Sergio De Britto

Até a primeira metade do século XX, estudos sobre o processo migratório alicerçava as bases positivistas e evolucionistas de Spencer. Sílvio Romero publica em 1901, *Ensaio de Sociologia e Literatura*, influenciando na elaboração do Código Civil de 1916. Nina Rodrigues (1905) opôs-se ao projeto da vinda de imigrantes negros norte-americanos e manifesta seu pensar em *Os africanos no Brasil* expressando uma “amargura” em relação ao negro e avaliando que, “O Brasil, particularmente o Nordeste, estaria condenado ao fracasso histórico em razão do clima tropical e inóspito ao branco, da inferioridade racial dos negros e mestiços e do espírito rotineiro dos portugueses, refratários do progresso”. (RIBEIRO, 1985, p.97)

São manifestações da academia brasileira apoiadas na política de eugenia, onde a população “branca” europeia deveria favorecer o “embranquecimento” da sociedade já que a presença de negros e índios se constituíam num entrave ao ingresso ao mundo dos civilizados. Nem tudo transcorreu de forma linearmente concebível. Kehl (1933, p.5) professor da Faculdade de Medicina de São Paulo (USP), como fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo defendia a fundamentação lamarckista condenando a miscigenação como um fator determinante para a degeneração da espécie, enquanto Octávio Domingos, professor da Escola Superior

de Agronomia Luiz de Queiroz (USP-Piracicaba SP) entendia que a miscigenação poderia ser um fator de clareamento da raça negra. (STEPAN, 1985)

Para muitos, apenas a política de eugenia ou higienização da espécie não bastava mas demonstrar preocupações pontuais e sugestões educativas para se garantir resultados que reproduzissem em esclarecimentos morais, a frieza burguesa,

Instrução, educação, conforto, progresso beneficiam o indivíduo sem vantagem genética para a descendência; seleção matrimonial, exame pré-nupcial, fomento da paternidade digna, retardamento da paternidade duvidosa, impedimento da paternidade indigna, limitação da natalidade em casos indicados, proteção às famílias de 'bem-dotados', segregação, imigração selecionada, cruzamentos eugênicos com impedimento para os disgênicos, consciência eugênica, esta última difundida nas escolas, nas casernas, nos lares, beneficiam geneticamente a espécie (KEHL, 1933b, p.5).

No alvorecer do século XX, indagar sobre a definição da “raça brasileira” ou mesmo compreender a sua “gestação como povo”, para Ribeiro (1995, p.19) deve ser dividida para melhor compreensão em dois segmentos,

Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos.[...] novo modelo de estrutura societária, que inaugura uma forma singular de organização socioeconômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial.

Mas, por outro lado é “velho”, na medida em que

Se viabiliza como um proletariado externo. Quer dizer, como um implante ultramarino da expansão europeia que não existe para si mesmo, mas para gerar lucros exportáveis pelo exercício da função de provedor colonial de bens para o mercado mundial, através do desgaste da população que recruta no país ou importa. (RIBEIRO, 1995, p.20)

Esta constituição se deu através de considerações ecológicas, numa adaptação humana em ambientações regionais; econômicas, ligadas às esferas produtivas, definindo os gêneros de vida e finalmente as novas correntes migratórias, quando se introduziu no país grandes contingentes humanos numa estrutura anteriormente sedimentada absorvendo-os e abasileirando-os, assimilando-os ou segregando-os. Um movimento contínuo e circular, compondo gradativamente o que se chamou de “Povo brasileiro”, na concepção antropológica de Darcy Ribeiro.

Quadro II - Formação do povo brasileiro

Ano	População	Número
1850	Negros escravos	6 milhões
1850	Índios	5 milhões
Até 1950	Europeus imigrantes	5 milhões

Fonte: RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. SP: Cia. das Letras.1995. p.228. Organizado pela pesquisadora

Indagar sobre as possibilidades da mestiçagem ou desenvolver políticas de eugenia passa necessariamente pela absorção do saber liberal e dessa forma repensar o conceito de esclarecimento. Adorno (2006, p.17) atenta que o “esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores”. Nesse sentido, quer sejam os Buendía tentando se libertar do destino que os perseguiu e condenava, quer sejam os oligarcas rurais brasileiros imersos em sua solidão proporcionada pelos cafezais, embutidos em suas cavernas que os agasalhava da negritude de seu tempo ou ainda quer sejam, os novos imigrantes percorrendo léguas de suas aldeias familiares, para investir com fé que a sua nobreza estava na cor de sua pele e, na coragem de enfrentar longas jornadas de trabalho alimentando a utopia de ser reconhecido como um senhor.

Assim, Adorno (2006, p.17) aponta, “mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa de esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver o mito e substituir a imaginação pelo saber.”

A chegada do imigrante no país, cuja origem em nada determinava, Berlim, Osaka, Calábria ou Madrid, importava outrossim, endeusar o mito através do trabalho, justificado como um método eficaz e salvacionista, destruindo e achatando com um rolo compressor o sentido de conceito, imaginação e a estética.

Adorno (2006, p. 19,20 e 72), ao justificar que a razão tem “um poder de derivar o particular do universal”, afirma

O sobrenatural, o espírito e os demônios seriam as imagens especulares dos homens que se deixam amedrontar pelo natural. Todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a

saber, ao sujeito. [...] o esclarecimento só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade.

A relação dos imigrantes recém aportados no Brasil, já se definia, de um lado pela expectativa da eugenia, da superioridade branca e de outro pela miscigenação e o embranquecimento gradativo da sociedade. Esta formação da subjetividade na ordem burguesa se fez quando se esconderam na indiferença e na frieza, cujo mote se justificava pela produção e ânsia pela riqueza acumulada. Sua dor, seu suor, seu sacrifício se transformaram em alegria pela materialidade acumulada, pelos cifrões escondidos sob o colchão ou num velho avarento e ranzinza, cuja alma já a entregara há muito ao mercado.

Em sua *Dialética Negativa* (2009. P.31) num aforismo denominado “*Sistema antinômico*”, Adorno assegura

A antinomia da totalidade e da infinitude – pois o incansável ad infinitum explode o sistema que repousa em si e que, porém, não deve a sua origem senão à infinitude – é uma antinomia da essência capitalista. Ela reproduz uma antinomia central da sociedade burguesa. Essa também precisa, para conservar-se a si mesma, para permanecer idêntica a si mesma, para `ser`, expandir-se continuamente, prosseguir, lançar sempre para mais além os limites, não respeitar nenhum deles, não permanecer igual a si mesma” (2009, p. 31).

Pucci (2012) conclui sobre o alerta da identidade ou o perigo da falsa homogeneidade entre os desiguais, pontuando que:

A projeção conceitual da sociedade capitalista, vive essa tensão entre o conservar-se a si mesma e, ao mesmo tempo, lançar-se continuamente para além de si mesma. E na busca obstinada de sua identidade, no zelo paranoico de não tolerar nada senão o que se transforma em sua imagem e semelhança, tende a eliminar o heterogêneo, o diferente, o divergente, o não-eu, o outro. Para progredir é preciso fortalecer a ordem; é preciso se identificar e identificar é igualar todo e qualquer desigual. (PUCCI, 2012, p.2)

Em 1889, Giuseppe Manzoni, um italiano da província de Treviso escreve ao professor de sua cidade, narrando sobre a sua chegada no Brasil, em São José do Rio Pardo, interior de São Paulo e traduzida e publicada de um livro italiano *Merica! Merica!*, de Emílio Franzina, professor de História na Universidade de Pádua, editado em 1979, por uma editora de Milão:

São José do Rio Pardo, 11 de março de 1889.

Caro professor

Digo-lhe que partimos dia 27 de janeiro da Casa de Imigração, onde morreu meu avô Sisto, um filho de Antonio Barel e uma menina de Antônio Celotto. Digo-lhe, também, que no dia 26 de janeiro, naquela casa, aconteceu uma revolução: jogaram fora, no quintal, o que estava na cozinha: sopa, carne,

pão, tudo pela janela. Fugiram todos os empregados, cozinheiros, patrões. Pisaram em tudo, até nos pratos. Esta revolta atemorizou meio mundo. Telegrafaram. Vieram guardas, avaliadores, militares da cavalaria, que acalmavam os imigrantes, dando-lhes razão, pedindo-lhes paciência, dizendo-lhes que no dia seguinte seria trocado o cozinheiro e que a comida seria melhor.

Ninguém ficou ferido. Tudo melhorou e comia-se bem¹⁰.

Este relato se inicia com um comunicado triste porque revela a morte de pessoas muito próximas, numa constatação resignada que beira a frieza. Adorno (em *Dialética Negativa* (2009,p.300) entende que,

O sofrimento perenizante tem tanto direito à expressão quanto o martirizado tem de berrar; por isso, é bem provável que tenha sido falso afirmar que depois de Auschwitz não é mais possível escrever nenhum poema. Todavia, não é falsa a questão menos cultural de saber se ainda é possível viver depois de Auschwitz, se aquele que por acaso escapou quando deveria ter sido assassinado tem plenamente o direito à vida. Sua sobrevivência necessita já daquela frieza que é o princípio fundamental da subjetividade burguesa e sem a qual Auschwitz não teria sido possível: culpa drástica daquele que foi poupado.

As mortes citadas na carta revelam as péssimas condições da viagem, as dificuldades enfrentadas e a necessidade de se manterem engessados em possíveis manifestações de fraquezas. Na mesma frase continua com um episódio assustador para o imigrante de primeira viagem, mas justificado como um fato isolado e sem consequências para se preocupar.

No dia 26, estourou uma revolução em São Paulo. Os civis brasileiros esperavam reforço da Casa de Imigração, mas quem tinha família não se manifestou para não assustar mulher e filhos. Uma jovem de 17 anos estava fora da casa e viu, na rua, cortarem a cabeça de um cavalo, de um militar. Assustou-se, morrendo cinco horas depois no hospital. Os militares prenderam poucos, levando-os à prisão; então voltou a calma¹¹.

Cenas de manifestações civis. Ameaça à própria segurança na hospedaria. Nesse contexto refletir sobre o conceito da **frieza burguesa** em Adorno (1995) justifica o temor ou paranoia diante dos acontecimentos,

Afirmar que aquelas pessoas eram frias de um modo peculiar. Aqui vêm a propósito algumas palavras acerca da frieza. Se ela não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela realmente é em nossa sociedade; se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com toda as outras, excetuando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual -- e provavelmente há milênios -- a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs

¹⁰Para consultar a carta completa consultar o site: <http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag126.htm>

¹¹ Maiores detalhes, consulta o site: <http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag126.htm>

ideologicamente desde Aristóteles, mas na persecução dos próprios interesses frente aos interesses dos demais (1995, p. 133-4)

Giuseppe, o italiano no Brasil, finaliza seu comentário afirmando que tudo acabara bem. “Os italianos napolitanos residentes em São Paulo, com negócios, restaurantes, queriam a República, queriam mandar em tudo: gente bruta, blasfema, sem religião”.

Há uma crítica direta aos “italianos napolitanos”, considerados autoritários, violentos e “sem religião”, numa alusão ao movimento anarquista em São Paulo. “Os brasileiros são bons: a maior parte é negra; todos vivem muito bem: gente alegre, sem preocupações. Sempre, à noite, fazem festa, com baile, na casa do nosso patrão. Ele também gosta de dançar, de cantar, de estar alegre”.

A referência aos brasileiros em geral, tendo em sua maioria a população negra, identifica-os como alegres, festeiros e sem preconceitos.

Digo-lhe que aqui, na fazenda, seis famílias estão juntas, distribuídas em duas casas, mas já estão fazendo mais quatro, quase terminadas. O patrão, Giovanni De Toffole (não era o dono, deveria ser o administrador), nos dá tudo o que precisamos. Com ele, formamos uma só família. Ele nos paga dois “francos” por dia, com despesas, chuva, sol, para acondicionar o milho¹².

Em seguida começa a descrever as moradias, condições de trabalho e a quantia paga pelo “patrão Giovanni De Toffole”, na realidade um capataz.

Aqui no Brasil é preciso colocar o milho com palha no paiol, porque se fosse sem palha não duraria mais que cinco meses. Com palha, ele se mantém durante dois ou três anos.

Aqui tudo é caro; custa para viver. Neste ano a colheita de tudo é abundante. Aqui não é como na Itália: não se sofre a seca; chove toda semana o necessário. A terra é muito fértil, não precisando cultivo. Os bosques são densos, de um tamanho extraordinário.

Os negros que queimam os bosques não arrancam nenhuma árvore, deixando-as, enormes, em pé. Plantam as sementes sem aração e, em cada cova, colocam cinco grãos, e todos brotam, dando uma ou duas espigas em cada pé.

Muitas novidades em relação aos costumes de sua terra. Um lugar exuberante, favorecido pela natureza. Percebem a baixa produtividade e a quase nula técnica no trabalho executado pelo negro. “Aqui, agora, estamos carpindo café. Ganha-se pouco porque o mato, no meio do cafezal, tem a altura de um homem, mas se ganha 25 mil florins por mil plantas”.

Reclama do “pouco ganho” mas o justifica com a altura do mato.

¹² Maiores detalhes, consultar o site: <http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag126.htm>

Se o senhor pudesse ver a maravilha que é uma colina de café! Os grãos iguais que caem do pé parecem avelãs. Todas as plantações são alinhadas, tendo estradas entre elas, que podem passar carros. Tem laranja, limão e outras frutas. Tem fumo para fumar. A planta do café tem folhas como as de louro. (...). Maravilhoso é ver que nos bosques não há animais selvagens, porque não há cavernas; todas as colinas são lisas, belíssimas¹³.

E continua com admiração e vislumbre a bondade da natureza com a terra. Suas residências são confortáveis e não há fome, ao contrário abundância e compartilhamento.

Nós temos todo o conforto: lenha infinita, abundância de água, uma roda que toca um pequeno moinho que passa no terreiro: água boa, patrões bons. As casas são de madeira, mas muito bem feitas, com quatro quartos, cozinha e forno. Elas são baixas, cobertas de telhas de barro vermelho. Aqui na América todo barro é vermelho. Todo sábado se mata um porco com mais de cem quilos. A carne é distribuída aos colonos, como, também, a gordura para o tempero. A carne é barata: custa 80 centésimos o quilo, e pernas, cabeça, fígado nada custam¹⁴.

Estradas deficitárias, mas cortadas por ferrovias velozes e eficazes.

Digo-lhe que na América as estradas são péssimas. Não se pode imaginar! Tanto assim que para puxar um carro de duas rodas, com peso de mil libras, são necessários quatorze enormes bois. Se houvesse boa vontade custaria pouco consertá-las. As estradas de ferro são estreitas e entram no meio dos bosques. Os trens vão como o vento: correm muito mais que os da Itália. Eu saí de São Paulo às seis da manhã e cheguei às quatro da tarde em São José do Rio Pardo, distância que calculo seja de Conegliano a Gênova¹⁵.

Demonstra preocupação com a falta de sorte de alguns. Muitos não resistem à distância, ao isolamento e acabam se “arruinando”.

Muitos imigrantes se arrependem ao encontrarem-se tão longe da terra natal. Muitos que tinham três filhos ficaram sem nenhum. As mães desesperadas amaldiçoaram a "Merica" e procuraram retornar à Itália, por meio da emigração. Outros tantos não tiveram sorte com as famílias, vendendo-se no meio do desolamento. Muitos morreram de paixão. É preciso pensar seriamente antes de empreender a longa viagem, porque facilmente se arruína. Não aconselho ninguém a partir quando não se é chamado por parentes¹⁶.

Denuncia, outrossim um espírito mercenário do padre: tudo é cobrado, quando alguém lhe paga mais ele abandona o compromisso da missa e segue aquele que lhe pagou “50 florins”.

¹³ Maiores detalhes, consultar o site: <http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag126.htm>

¹⁴ Maiores detalhes, consultar o site: <http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag126.htm>

¹⁵ Maiores detalhes, consultar o site: <http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag126.htm>

¹⁶ Maiores detalhes, consultar o site: <http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag126.htm>

Aqui a religiosidade é pouca. Nós estamos longe da igreja da cidade, como de Feletto a Conegliano. Dois ou três de nós vamos às festas, quando o tempo ajuda. Se chove, ninguém vai.

Em São José há um só padre e uma só missa. Depois da missa, a igreja se fecha e ninguém pode mais entrar. Quando o padre vai a algum lugar vizinho, ganhando 50 florins, ele deixa a cidade sem missa, mesmo em dia de festa. Quando morre alguém, precisa-se levá-lo à igreja, pagando-se pela bênção 10 florins. Para limpar um relógio, Luís pagou 10 liras italianas; para fazer um terno, 30; e para arrancar três dentes, 30. Tudo muito caro! (...).

Seu amigo

Manzoni Giuseppe¹⁷.

Avaliar a gênese da moral burguesa através de fragmentos é uma tarefa ousada, mas a pressuposição de que a generalização seja arriscada e perigosa justifica-se ao indicar que “por trás da uniformidade com a qual os homens parecem comportar-se criticamente em relação à ‘frieza’ na sociedade são experiências diversas, razões, esperanças e talvez também medos do futuro”. (GRUSCHKA, 2014, p. 6).

Diante de um quadro desbravador, estes pioneiros de uma ordem moral burguesa em evidência, para Gruschka (2014, p.6) representa,

um mundo no qual os impulsos decorrentes dos sentimentos (de amor e raiva, tristeza ou alegria, compaixão e solidariedade) dos homens não permeiam mais as suas relações, e onde não podem determinar formas de sua sociabilidade, parece não mais valer a pena ser vivido. Em vez disso, os homens devem fazer tudo e de cada indivíduo um objeto à disposição de seu interesse particular.

A capacidade de resistência ou o respeito através do viés da racionalidade se dá porque a sociedade credita aos homens que “temem e se resignam com a frieza ou que com ela governam, possuem o direito de viver”. (GRUSCHKA, 2014, p.6).

Arrependimento ou compaixão podem sinalizar uma fraqueza. O impacto do **vagamundo** diante das novas formas de trabalho significa uma chance de constituírem uma nova memória, onde os limites materiais, as necessidades primárias de vida ou as dificuldades de sua dignidade colocada em risco devem ser substituídos pela possibilidade de tornarem-se proprietários particulares. A expressão da liberdade tal qual Adam Smith¹⁸ expressara em sua liberdade liberal.

Desta forma, a frieza burguesa embutida na postura desse imigrante,

Refere-se tanto ao fato de os homens se tornarem indiferentes como também ao cálculo frio dos indivíduos isolados diante das possibilidades oferecidas de autopreservação, privilegiada na sociedade burguesa. As obrigações de integração sociais produzem frieza, principalmente como entrega passiva da

¹⁷ Maiores detalhes, consultar o site: <http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag126.htm>

¹⁸ Autor de *Riqueza das Nações*

massa de pessoas às condições de vida 'porque elas são assim mesmo'.
(GRUSCHKA, 2014. p. 107)

Para Adorno (1995) compreender atitudes ou justificativas dos homens do século XX pode se resumir em entender que,

O silêncio sob o terror era apenas a consequência disto: A frieza da mônada social, do concorrente isolado, constituía, enquanto indiferença frente ao destino do outro, o pressuposto para que apenas alguns raros se mobilizassem. Os algozes sabem disto; e repetidamente precisam se assegurar disto. (ADORNO, 1995, p. 134).

Ou simplesmente constatar a brasilidade na mistura de identidades perceptíveis e que ora se misturam e ora se separam, garantindo sem pudores o lugar de privilégio à uma elite que sob as rédeas do modernismo garante a reprodução de um sistema. Sr. Giuseppe, Sr. Juan, Sr. Matsubara, Sr. Matarazzo, Sr. Müller, Sr. Bordeau, senhoras e senhores, não há uma história linear, muito menos o determinismo histórico: uns moveram a utopia outros continuam no onírico. Todos cumprindo com o seu papel social nesta engrenagem da modernidade.

Essa crioula tem o olho azul
Essa lourinha tem cabelo Bombril
Aquela índia tem sotaque do Sul
Essa mulata é da cor do Brasil
A cozinheira tá falando alemão
A princesinha tá falando no pé
A italiana cozinhando o feijão
A americana se encantou com Pelé
(PARALAMAS DO SUCESSO, 1996)

A educação e a formação: uma experiência de vida

A possibilidade de construir uma velha memória, o olhar da história a contrapelo da própria história, repensar as pessoas em sua essência, seu raciocínio ou sua sensibilidade, a capacidade de perceber o outro ou nada disso ou tudo isso. Esse exercício diário que a educação dos sentidos ou das sensações pode abrigar. Não há porque admitir o medo, a solidão ou a frieza. Atributos humanos cuja aprendizagem pode estar no despir de julgamentos fúteis e moralistas e continuar a viver. Nesse sentido, para Bachelard (1989, p. 54) “toda fantasia da chama é uma fantasia admiradora”.

Ungido de um caráter ilustrativo, *A educação e a formação: uma experiência de vida* é uma narrativa pessoal ou uma experiência vivida e, tem como objetivo

analisar e refletir a experiência em seu contexto da história da educação brasileira, num desdobramento da condição do imigrante. Trata-se de uma reafirmação da frieza burguesa enquanto moral subjetiva, em sua grande maioria inconsciente do papel à que desempenha, contudo, conforme Adorno (1995) explicita em *Educação após Auschwitz* (p. 133-4)

aquelas pessoas eram frias de um modo peculiar. Aqui vêm a propósito algumas palavras acerca da frieza. Se ela não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela realmente é em nossa sociedade; se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantêm vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual -- - e provavelmente há milênios — a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde Aristóteles, mas na persecução dos próprios interesses frente aos interesses dos demais (ADORNO, 1995, p. 133-4)

Em 1905 aconteceu a vitória japonesa sobre o Império Russo do czar. Foi assinado o *Tratado de Portsmouth* e seus soldados puderam retornar às suas casas após a conquista da Manchúria. Johei Saiki, um ferreiro a executar tarefas na colocação e substituição de ferraduras em cascos de cavalos guerreiros escrevia em seu diário: estou feliz porque vou voltar para casa. O que será que a minha mãe vai dizer? Ficará feliz e grata por retornar vivo. Cheguei. Fui recebido normalmente, sem festa. Voltei à rotina de casa.

Em 1911 nascia meu pai, na cidade de Hokkaido, região fria ao norte do Japão, Isamu Saiki, no dia 8 de março, mês considerado sagrado e feliz para ele, comemorava o seu aniversário, o seu casamento, a sua chegada à cidade de Londrina - PR e o nascimento de seu primeiro filho. Por isso, em seus planos, se algum dia retornasse ao Japão deveria ser no mês de março, assim gostaria de vislumbrar a florada da cerejeira.

Mesmo vencendo a guerra contra a Rússia, a situação no Japão era grave. A fome e a miséria eram evidentes. Meu avô, sr. Johei decidiu vender o que tinha, fazer as malas, e embarcar com sua família, minha avó, sra. Nui e seus seis filhos, todos alfabetizados, para o país do sol poente. No porto, no momento do embarque, recebera o anúncio de que filhos casados ou maiores de 18 anos estavam impedidos de embarcar. No caso, minha tia mais velha e seu marido, uma segunda filha solteira, mas que logo arranhou-se ali um casamento com alguém com autorização de embarque e vieram. Nunca mais meus avós encontraram pessoalmente esta minha tia Nihira. Passou a morar em Tóquio. Criou seus filhos, enfrentou as bombas de

Hiroshima e Nagasaki e vivenciou a vitória norte-americana. Esteve no Brasil, muitos anos depois para conhecer o novo lar de seus pais. Disse que não entendia porque os brasileiros insistiam em construir prédios tão altos se dispunham de tanto espaço. Ficou admirada com o tamanho do quintal da minha casa.

Quando a família aportou em Santos, em 1928, subiram de trem até a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo e continuaram seu percurso até a cidade de Bastos (SP) onde se encontravam ali um grande número de imigrantes japoneses. Passados pouco tempo, de posse de algum dinheiro, aventurou-se para as terras roxas no norte do Paraná. Comprou da Companhia de Terras do Norte do Paraná, derivada *Paraná Plantations Ltda.* (1924) com sede na Inglaterra, de posse do então Lord Lovat, um lote de terra, num sistema em que a terra já se tornara uma mercadoria rentável com projetos de colonização pioneira.

Dezembro de 1934, Londrina é elevada à categoria de município e meu avô chega com seus filhos, em janeiro de 35 em busca do sonho do pioneiro.

Meu pai se casara numa união em acordo familiar entre os “Saikis” e os “Onodas”, minha mãe Chie e sua família, de origem humilde, alojados como colonos na cidade de Cambará (PR) e trabalhando como colonos no cultivo do algodão para um empresário rural, sr. Matsubara. Minha avó paterna não gostara, mas aceitou minha mãe em seu lar. Apesar da pobreza material, minha mãe trazia em sua bagagem muitos livros, clássicos da literatura russa, francesa e japonesa. Gostava muito de ler e escrever, cartas e *haikai*¹⁹

Apesar de ser o segundo filho mais velho, meu pai permaneceu com meus avós até a sua velhice. Meu tio mais velho, fora para Curitiba (PR) aguardar a chegada do navio vitorioso do Japão para a reconstrução do país pós-guerra. Fato que nunca aconteceu e desta forma considerado pelo seu pai como o filho que o abandonou.

Meu avô, além de adquirir uma terra para morar, logo comprou outra, maior. Plantou cerca de 15 alqueires de bambu, acreditando ser a planta do futuro. Atualmente, um sítio de 22 alqueires, cercado de condomínios por todos os lados. Tem o rio Cafezal, que abastece a cidade, cortando a propriedade e enriquecendo o lugar.

A casa de madeira na Higienópolis abrigava toda a família: 8 filhos, dois homens e seis mulheres. Em meio à muitos problemas financeiros, a casa era sempre

¹⁹ *Haikai*, hai = brincadeira, gracejo; e kai = harmonia, realização. Poema japonês.

muito organizada. Não havia energia elétrica ou água encanada. Todos os afazeres domésticos eram divididos por tarefas sob a responsabilidade de cada um. Por exemplo: retirar a água do poço, cada um tinha a sua cota, portanto os menores, no meu caso era apenas um balde. À noite, sob a luz de uma lamparina, minha mãe reunia todos para a leitura de um capítulo ou mesmo de um livro em japonês. Nas minhas memórias, lembro de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, contos ou fábulas da tradição japonesa. Quando meu pai trazia da cidade alguma carta, logo nos amontoávamos em torno da mesa para ouvirmos a minha mãe proceder a leitura solene com notícias do Japão, de São Paulo, de Curitiba ou Cambará.

Escola, sempre uma pré-condição inquestionável. Meu pai: “Filhos homens devem estudar mais. Melhor irem para São Paulo que o ensino é melhor. Filhas, vocês, estudem pelo menos até o secundário e depois, se der, continuem. Todos nós devemos nos esforçar para ajudar a manter os filhos homens a estudarem fora, portanto, assim que possível, todas devem trabalhar”.

Minha mãe dizia que era preciso assumir as responsabilidades para estudar. “Não precisa ser o primeiro lugar, mas precisa passar”. Como não entendia muito bem a língua portuguesa, nunca foi às reuniões de classe. Todos estudaram em escolas públicas, no Grupo Escolar Santos Dumont, escola que ficava no fundo de minha casa. O terreno da quadra de esportes tinha sido doada pelo meu avô, nem por isso havia qualquer regalia, muito pelo contrário. “Japonês e calabrês foi diabo que te fez”, era o canto uníssono na escola. De manhã, frequentava uma escola de japonês, o “*nihongako*” dada por uma professora, numa sala de aula com aproximadamente 10 ou 15 alunos das mais variadas idades, uma mesa com cadeiras feitas com restos de caixas de maçã pintada, no fundo de sua casa. Cada um com o seu livro japonês para alfabetização, um caderno, lápis e borracha. Conforme avançamos com o livro e finalmente atingíamos a última lição a “*sensei*” mudava para o próximo livro. Não havia provas, apenas a expectativa do livro novo. Éramos falantes, a “*sensei*” mal falava a língua portuguesa, não nos deixava de castigo, lia em voz alta textos dos livros e nós, fazíamos exercícios de caligrafia, o “*katakaná*” e o “*hiraganá*”, e apresentávamos a lição de casa para um carimbo.

No grupo escolar, vestíamos um avental denominado “guarda-pó”. Fazíamos uma fileira dupla e entrávamos na sala de aula com suas carteiras enfileiradas e a mesa da professora. Antes de começarmos a aula, a professora fazia uma “varredura” nos cabelos para verificar os piolhos e nas mãos para conferir as unhas. O silêncio

era absoluto. Num determinado momento, entrava a merendeira com as canecas para servir o leite com café ou eventualmente um prato com colheres com uma sopa de trigo com cebola.

Disciplinas divididas pela professora: português, matemática, estudos sociais, desenho e religião. Não tenho lembranças de como foi a alfabetização. Tinha pavor de não saber responder o que me era questionada. Decorava a tabuada. Fazia todas as lições de casa. Anualmente voltava com boas notas.

Os estudos efetuados sobre o Ensino Básico no final dos anos 50 para os anos 60, a preocupação estava centrada nos elevados índices de evasão escolar e daí a necessidade de uma política pública, como no Estado de São Paulo de interferir nas estatísticas,

Dados de 1954, relativos à população de crianças na faixa de 7 a 10 anos e à matrícula escolar nas quatro séries da escola primária, autorizavam afirmar que, na ausência de reprovações, ou seja, se se adotasse a matrícula por idade cronológica, o sistema paulista teria condição de atender a um número bem maior de alunos que quisessem prosseguir os estudos, pois já apresentava uma quantidade de vagas escolares que excedia as necessidades de atendimento à faixa etária para a qual estava previsto o ensino obrigatório. Paralelamente, o fenômeno das perdas ocasionadas pelas recorrentes repetências e pela evasão escolar atingia proporções consideráveis no país: de cada 100 crianças matriculadas na 1ª série, apenas 16 concluíam as quatro séries do ensino primário após os quatro anos propostos para a sua duração. (BARRETO e MITRULUS, 2001, p.23)

Constrói-se então, um leque de legislação para repensar o problema da evasão escolar com objetivos estatísticos que justificassem a repetência e desistência. A resposta veio com leis que, poderia interferir na escolaridade a partir de ciclos (I ciclo, II ciclo) contínuos evitando as reprovadas.

Evidentemente, a especificidade da evasão escolar não poderia se traduzir apenas em números, a complexidade do sistema escolar poderia se resolver simplesmente com a definição dos papéis sociais de cada ator. Em seus estudos conclusivos, Barreto e Mitrulus (2001, p. 2) afirmam,

De modo geral, entre nós, a idéia de ciclos não tem esposado claramente a possibilidade de aceitação de desempenhos escolares grandemente diferenciados ao final da escolaridade básica. Ao contrário dos sistemas em que os avanços dos alunos não sofrem solução de continuidade durante toda a escolarização, o regime de ciclos introduzido no Brasil tende a ser uma medida intermediária entre o regime seriado e o de progressão contínua. Ao final de cada ciclo, via de regra o que se continua a esperar, não só no imaginário dos docentes como nos próprios dispositivos institucionais que vêm sendo utilizados para regular as diferentes experiências, é que todos os alunos manifestem certas atitudes, adquiram habilidades e dominem conhecimentos básicos em nível semelhante.

Esta é a evidência de uma violência burocratizada, a instauração de uma máquina liberal voraz, tendo na educação um foco eficaz para a destruição de uma possibilidade, como na *Dialética do Esclarecimento*. Para Adorno (2006, p.103) “na alma devia atuar um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura. [...] sociedade que permanece irracional apesar de toda racionalização.”

Educação a frieza burguesa. Retirada do agasalho do saber sensível pela galvanização ilimitada da gélida materialidade liberal. A libertação do monstro de Kafka, que se escondia sonolento embalado pelos ecos do romantismo que precedera os autos de Condorcet.

Terminado o ensino primário, o ensino secundário exigia um exame de admissão. Orientada pela mais velha das irmãs, a escolha por uma escola de melhor qualidade de ensino foi a Escola de Aplicação anexa à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina. Apesar da concorrência, as três últimas mulheres ali ingressaram. No meu caso, estudando com outra irmã, em casa, num curso preparatório de exame de admissão junto com meus vizinhos.

Apesar do conturbado momento político da ditadura militar no país, o Colégio mantinha em seus quadros professores que de alguma forma exerciam um magistério coerente com seus ideais. Quer sejam de direita, ou de esquerda. Havia também os do centro, talvez os mais perniciosos, defensores de seu próprio *status quo*, evidenciavam-se como “mestres” em defesa dos interesses individuais. O discurso sempre justificando que a violência fazia parte de um projeto em construção. Era necessário pensar maior, a modernização, o preparo para uma vida melhor, a tecnologia era tudo. “Cada um por si. Deus por todos”. A meritocracia apoiada na própria capacidade de vencer. “Neutralidade ideológica”: para a tecnologia não há partidos. A construção de Auschwitz.

Adorno (1986, p.2) numa palestra proferida em 1965, tinha o discernimento de quem percebia que a culpa ou os maiores responsáveis pelo antissemitismo nazista e a existência de um campo de concentração como o de Auschwitz era a profunda frieza, indiferença ou atitude de quem se isenta e foge afirmando que o problema não era dele. Estes sim favorecem, constroem, financiam e mantêm todos os Auschwitz da vida, a frieza burguesa,

A consciência de que o retorno de Auschwitz há de ser impedido é ofuscada pelo fato de que devemos conscientizarmos desse desespero se não quisermos cair no palavrório idealista. Contudo, deve-se atentar para o fato de

que, mesmo em vista disso, a estrutura básica da sociedade e as características inerentes que a isso a induziram são hoje as mesmas de vinte e cinco anos atrás. Milhões de homens inocentes – especificar ou regatear os números é decididamente indigno do homem – foram sistematicamente assassinados. Isso não deve ser tratado por nenhum ser humano como fenômeno superficial, como aberração do curso da História, que não interessa em vista da grande tendência do futuro, do esclarecimento de uma humanidade supostamente evoluída

O momento em que a educação dava mostras de que a evocação para o cientificismo era necessária e uma evidência. Cumpria-se a demanda da globalização sob a receita eficaz e tentadora: alienação do cidadão e avanço desenfreado dos interesses das multinacionais. Segundo Góes (1972. P. 17-32)

O 'Plano de Metas e Bases para Ação do Governo (1970-1972)' explicitava essa tendência, ao destacar a necessidade de desenvolver, "o mais breve possível", um processo de educação científica, assentado no pressuposto de que, no nível de formação pré-universitária (ensino secundário) deveria ocorrer uma identificação de "vocações para a pesquisa". Isto é, o estudante ingressaria na universidade com suas aspirações, em termos de atividade de pesquisa, direcionadas para determinado campo de conhecimento, conforme pretendia a Lei nº 5.692/71.

Neste momento, as mais velhas da casa, optaram pela carreira do magistério, fazendo o Curso Normal, antigo Magistério de Ensino Médio. Cumpria-se assim a necessidade familiar de sustentar os 2 (dois) irmãos-homens em São Paulo e garantir uma profissão. Estudaram engenharia. O mais velho já se formara e se casara, o mais novo ainda estudante de engenharia na Unicamp, dependia de alguma ajuda financeira.

Entendia-se que a profissão era fundamental para a sobrevivência, mas meu pai acreditava que um teto, um prato de comida, um trabalho era o bastante para se viver feliz. A mosca da avareza não o picara, passara longe. Mergulhado em afazeres de um braço nipônico de uma Igreja Missionária, seguia consertando raquetes de tênis ao som musical de suas cordas e levando em frente uma loja comercial de artigos para esportes, a ampliação de uma pequena loja de sapateiro. Um verdadeiro artesão. Em sua sabedoria plena, estava a minha mãe, sempre atenta aos andares dispersos de sua prole. Pouco discurso e muita vivência.

As gavetas dos conteúdos selecionados compõem um aprendizado e representam uma pequena parcela do que as meditações da metafísica podem proporcionar. Não há como excluir a necessidade desse saber reflexivo e clássico. A erudição é uma necessidade. A formação se faz definitivamente pela relação entre a teoria e a *práxis*.

A educação no Brasil, historicamente se construiu pautada em leis, reformas ou inserção de interesses pontuais da categoria dominante atendendo objetivos políticos pela manutenção de poder, imediatos de uma elite. Em sua grande maioria, utilizando-se de um discurso em que se exaltava a popularização da educação, aumento de vagas escolares ou combate à evasão escolar, por outro lado, a escolha privada da escolarização familiar era outra: escolas tradicionais de ensino religioso ou internatos com cursos fora do Brasil. Uma separação nítida entre a teoria e a prática.

Não há como negar a necessidade de uma política pública educacional efetiva, mas há como se afirmar a necessidade de uma política que leve em conta a formação, a conformação de uma educação comprometida com a emancipação e libertação enquanto cidadania a ser efetivada.

Educação deve ser a resposta de uma sociedade mais justa e engajada. Aquela que ultrapassa os limites da racionalidade ou modernidade como objetivo para se atingir o ser humano em sua íntegra: o físico, moral, espiritual e então o raciocínio. Perceber a formação como pulsar da imaginação, dos relampejos da loucura, da coerência e também da responsabilidade. Estabelecer uma concepção contínua com o outro. A escola como espaço de vivência saudável: convivências e divergências. O lugar da escola como local de paixão pela vida. A formação como resultado de multifacetadas experiências. Dores, odores e sabores tornando o homem cada vez mais um ser humano.

EM SÍNTESE

Aqui tudo parece
Que era ainda construção
E já é ruína
(Fora de ordem - Caetano Veloso)

Ao situar a oligarquia brasileira no crepúsculo de seu processo, a travessia com o novo imigrante, apoiado na categoria da frieza burguesa como moral que compõe a sua subjetividade e tendo a afirmativa de Löwy (2002) como fundamental observação para ser considerada, ao pontuar que “não existe declínio das elites ou da nação, mas as ameaças que o progresso técnico e econômico promovido pelo capitalismo faz pesar sobre a humanidade”.

Este oligarca, visualizando-o como pano de fundo a centrípeta força humana de um eu que não compartilha, não se solidariza, que se materializa e se fecha numa redoma denominada de SOLIDÃO. De outro, o migrante-vagamundo uma força centrífuga, cuja dinâmica paira no ar embalado e protegido pela moral e costumes de uma raça esbranquiçada em sua suposta superioridade e que conserva em seu cerne a FRIEZA num encontro frontal e homogêneo com a solidão oligarca, qual seja, a frieza burguesa ou a solidão burguesa.

Assim, a tentativa de desvendar a retórica do oligarca, em suas profundas cavernas percebeu que a materialidade oculta incontáveis fantasmas de suas desventuras, mas o escritor Garcia Márquez (2003) ao desnudá-lo de sua complexa teia de um ser humano em suas agruras e deslisuras, identifica na experiência do velho oligarca o embate dialético de sua solidão.

O imigrante, levando-se em conta a alegoria e a história e, entendendo que “cada significado se inclina no sentido de se tornar um significante de novos significados. Cada elemento do texto é, portanto, o outro de si mesmo.”(KOTHE, 1976, p.35).

Benjamin (1984) em *Origem do Drama Barroco Alemão* revela a possibilidade de atingir através da alegoria uma verdade oculta, aquela que não se evidencia senão pela arte. Numa reflexão a partir da leitura de Goethe²⁰, autor que afirma que

Existe uma grande diferença, para o poeta, entre procurar o particular a partir do universal, e ver no particular o universal. Ao primeiro tipo pertence a alegoria, em que o particular só vale como exemplo do universal. O segundo

²⁰ Goethe, Johann Wolfgang von, (1749-1832) escritor alemão, autor de *Fausto*.

tipo corresponde à verdadeira natureza da poesia: ela exprime um particular, sem pensar no universal, nem a ele aludir. Mas quem capta esse particular em toda a sua vitalidade, capta ao mesmo tempo o universal, sem dar-se conta disso, ou dando-se conta muito mais tarde. (BENJAMIN, 1984, p.183)

A dimensão da leitura de uma travessia histórica pode talvez desvendar “o outro da História, isto é, a História que poderia ter sido e não foi”. (KOTHE, 1976, p.36). citação que encontra ressonância nos escritos de Benjamin (1984), quando considera que:

A história em tudo o que nela desde o início é prematuro, sofrido e malogrado, se exprime num rosto - não, numa caveira. E porque não existe, nela, nenhuma liberdade simbólica de expressão, nenhuma harmonia clássica da forma, em suma, nada de humano, essa figura, de todas a mais sujeita à natureza, exprime, não somente a existência humana em geral, mas, de modo altamente expressivo, e sob a forma de um enigma, a história biográfica de um indivíduo. Nisso consiste o cerne da visão alegórica: a exposição barroca, mundana, da história como história mundial do sofrimento, significativa apenas nos episódios do declínio. (BENJAMIN, 1984, p.188).

É assim que, Benjamin percebe em Baudelaire o poeta da visão alegórica e alegorizante e percebe em Kafka uma demasiada angústia cujo abrigo acontece na alegoria. Nesse sentido, para Benjamin, a negatividade, o espírito cabisbaixo ou o pessimismo pode se configurar como uma denúncia como também um “abrigo de esperança.”

Para se compreender os desvendamentos das alegorias que envolvem as categorias sociais do oligarca e dos imigrantes, a manutenção do contexto histórico de uma trajetória pontuada pela modernidade em ambientes marcados por suas especificidades, bem como à literatura para atingir através da estética e da arte a sua semiótica foi o caminho escolhido.

De tudo, a conclusão de que na modernidade não há espaço para o novo, o pós ou ainda uma mudança linear. Percebe-se um tempo despido de pausas, um vai e vem dos atores sociais. Atores que surgem e ressurgem com mudanças em suas novas vestimentas, mas mantem em sua essência o seu inventário de vida. Nada é exatamente igual, pelo presente, tem-se a percepção do futuro.

As relações sociais se aprofundam, se distanciam e se mesclam. O abismo da materialidade no contexto da modernidade é atroz. Existe um atropelo em forças centrípetas e centrífugas espalhando pelos ares e pelos mares o vírus do “eu” soterrando o “nós”. A acumulação de bens materiais responde pela acumulação de riqueza.

A educação cumpre o seu papel liberal: leis, reformas de leis, amontoados de livros didáticos, incessantes mecanismos de mercado, estatísticas e quantificação. É a história num atropelo sem possibilidade da essência do *Erfahrung* (experiência/reminiscência) mas sim na acelerada reprodução da *Erlebnis* (consciência/experiência vivida).

Repensar o tempo em sua essência e concluir que a solidão em sua tatuagem permanente esbarra num encontro muito próximo com a frieza burguesa. Nas relações de poder pela manutenção ou reprodução de si mesmo, aparentemente o outro desaparece. Significa a perda gradativa da ética e da moral para o *blasé* diante da violência. Auschwitz não é um passado.

REFERÊNCIAS

- ACERVO DO JORNAL O ESTADÃO. Sobre Euclides da Cunha. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,canudos-diario-de-uma-expedicao-euclides-da-cunha-1981897,11956,0.htm>>.
- ADORNO, T.W., **Correspondência 1928-1940. Adorno-Benjamin**, Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora Unesp. 2013.
- _____. **Dialética Negativa**. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2009.
- _____. **Educação após Auschwitz**. In: COHN, G. **Theodor W. Adorno**: Sociologia. Trad. de Aldo Onesti. São Paulo: Ática, 1986a.
- _____. **Minima Moralia**: Reflexões a partir da vida danificada. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática 1992.216 p.
- _____. **Prismas**: Crítica cultural e sociedade. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.
- ADORNO, T. W.& HORKHEIMER M. **Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editora,. 254 p. 1985
- ANDRADRE, CARLOS DRUMMOND. *Sentimento do Mundo* in PONGETTI, Irmãos. **Nova Reunião**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985. P. 78.
- BACHELARD, Gastón. **A chama de uma vela**. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A. 1989.
- _____. **A Terra e os Devaneios do Repouso. – Ensaio sobre as imagens da intimidade**. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes. 1990.
- BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.
- BARRETTO, E. S. S.; MITRULIS, E. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no país. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.15, n. 42, p.1-39, 2001
- BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin - Obras escolhidas – **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense. 1993. 6. e. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet
- _____. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. **“Sobre alguns temas em Baudelaire”**. In: Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Obras escolhidas; v. 3)
- BRECHT, Bertolt. **A exceção e a regra**. Trad. Geir Campos. In: _____. Teatro completo. v. 4. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- BRUNO** Ernâni Silva. **Histórias e tradições da cidade de São Paulo**.- vol II 2ª parte – Burgo de estudantes (1818-1872) RJ: Livraria José Olympio Editora. 1954.

CENTRO DE MEMÓRIA – UNICAMP. Disponível em: <http://www.centrodememoria.unicamp.br/sarao/revista28/PDF/sarao_texto_03.pdf>. Acessado em 03/11/2017.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**/Emília Viotti da Costa. – 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. Traduzido por Jean Briant. O original em francês – “Écouter les morts avec les yeux” – encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta. Recebido em 10.8.2009 e aceito em 15.8.2009. p.30 <http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n69/v24n69a02.pdf>, acessado em 03/04/2017

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. RJ: Graa, 1979.

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**

SP: editora Unesp, 1997.

FRANZINA, Emílio. **Merica! Merica!**, Itália: Editora de Milão. 1979. Site: <http://www.saojoseonline.com.br/nuova/pag126.htm>, acessado em 3/11/2017.

FREITAS, Alexander de. Água, ar, terra e fogo: arquétipos das configurações da imaginação poética na metafísica de Bachelard. **Revista Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 20, n. 39, p. 39-70, jan./jun. 2006.

FREUD, S. (1930). **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GABUARDI, Lucimara Rasmussen. **Revista Sarao** do Centro de Memória da Unicamp, Vol 3, no 4, janeiro de 2005, ISSN 1677 – 7816

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin**. Texto apresentado no Ciclo de Conferências sobre a Escola de Frankfurt, realizado na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Câmpus de Araraquara, em 1990.) *Perspectivas*, São Paulo, 16: 67-86, 1993

_____. **W. Benjamin ou a história aberta**, prefácio a W. Benjamin, Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.16.

_____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006

_____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

GÓES, P. **Criação do potencial científico nacional**. Coleção Debates/Planejamento, 65:17-32, 1972.

GRUSCHKA, Andreas. **Frieza burguesa e educação** – a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação. Campinas (SP):Editores Associados. 2014

HOBBSAWN, Eric. **Era das revoluções – 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

_____. **Era dos Capitais – 1848-1875**. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

_____. **Era dos Extremos – O breve século XX – 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.** São Paulo: Editora Brasiliense. 2000.

_____. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A. 1987.

KAFKA, Franz. **Carta ao Pai.** Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras. 1997

KEHL, R. 1933b 'Política eugênica'. Em **Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.** Porto, Empresa Portuguesa

KHOTE, Flávio R. **Para Ler Benjamin.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A. 1976.

_____. **Walter Benjamin – Sociologia,** São Paulo: Editora Ática, 1985.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin – O marxismo da melancolia.** Rio de Janeiro: Campos. 1988

LANDES, D. **Dinastias:** esplendores e infortúnios das grandes famílias empresariais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007, p. 49

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto – o município e o regime representativo no Brasil.** 7a edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

LECLERC, Max. **Cartas do Brasil.** Trad., prefácio e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942. P. 17, 18 e 19)

LEVY, M. S. F. — O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). Rev. Saúde públ., S. Paulo, 8(supl.):49-90, 1974. Acessado em

LOWY, Michael. **A filosofia da história de Walter Benjamin.** *Estud. av.* [online]. 2002, vol.16, n.45, pp.199-206. ISSN 0103-4014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142002000200013>>. Acesso em 03/04/2017.

_____. **Walter Benjamin:** aviso de incêndio Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo Editorial. 2005

MACHADO, Fernando da Silva. **Diurno e noturno no pensamento de Gaston Bachelard** (artigo). Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pet/article/view/4209/2942>>. Acesso em 16/10/2017.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Cem anos de solidão.** Tradução de Eliane Zagury. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

MARTINS, José de Souza. **Sobre o palacete de Dona Veridiana.** Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 16 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,o-palacete-de-dona-veridiana-imp-,595541>>. Acesso em 2/10/2017.

NOVAIS, Fernando A. O Brasil nos quadros do antigo sistema colonial, *in* MOTA, Carlos Guilherme. **Brasil em perspectiva**. 7.ed. São Paulo: Difel Difusão Editorial S.A., 1976.

OLIVEIRA, Newton Ramos de, ZUIN, Antônio Álvaro Soares, PUCCI, Bruno (orgs.) **Teoria Crítica, Estética e Educação**. Campinas: Unimep, 2001.

PAES, José Paulo (org.) **Grandes Cartas da História**. São Paulo: Cultrix. 1967.

PEREIRA, Clodomiro "Política e Legislação de Estradas de Ferro" (1904). Disponível em: <[http://www.oocities.org/estrada de ferro/efi-historia.htm](http://www.oocities.org/estrada%20de%20ferro/efi-historia.htm)>. Acesso em 2/10/2017.

PUCCI, Bruno. **A atualidade da filosofia em Adorno**. Disponível em: <www.unimep.br/~bpucci/atualidade-filosofia-adorno.pdf>. Acesso em 2/10/2017.

_____. Bruno, Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais. **Cadernos IHU Ideias**, ano 10, n. 172, 2012, São Leopoldo: Unisinos, ISSN: 1679-0316.

_____. Bruno. **O privilégio da experiência filosófica no processo educacional** Texto, com pequenas modificações, foi apresentado e debatido no III Congresso Latino-americano de Filosofia da Educação, realizado no México, capital, em 2015.

_____. Bruno, ALMEIDA, Jorge de, LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco (Orgs), **Experiência Formativa & Emancipação**. São Paulo: Nanquin, 2009.

_____. Bruno, GOERGEN, Pedro, FRANCO, Renato (Org)s. **Dialética Negativa, Estética e Educação**. Campinas: Alínea. 2007.

RIBEIRO, Darcy. **Aos Trancos e Barrancos – como o Brasil deu no que deu**. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1985.

_____. **O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Bruno Ernâni. **Histórias e tradições da cidade de São Paulo**. vol II 2ª parte – Burgo de estudantes (1818-1872) RJ: Livraria José Olympio Editora, 1954.

SILVA, Gustavo Pereira da. A formação familiar do complexo cafeeiro: a rede familiar e os investimentos dos Lacerda Franco na economia paulista (1847-1893) 198 s/Æculum - **REVISTA DE HISTÓRIA** [29]; João Pessoa, jul./dez. 2013.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **Os complexos imaginários – imagens, estereótipos e obstáculos**. Curitiba: CRV, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. SP: Mauard – 2007.

STEPAN, N. 1985 'Eugenesia, genética y salud pública: el movimiento eugenésico brasileño y mundial'. *Quiju*, 2 (3): 351-384. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000260&pid=S0104-5970200300030000600048&lng=pt>. Acessado em 3/11/2017>. Acesso em

THE GEOCITIES ARCHIVE. Disponível em: <<http://www.oocities.org>. Acesso em 3/11/2017>. Acesso em....

TURCKE, Cristoph. **Sociedade Excitada**: filosofia da sensação. Tradução de... Campinas: Unicamp, 2010.

VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA, Luciano Mendes. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, vol.23, nº 45, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais

ANEXOS

ANEXO I – Títulos nobiliários

Titulares do Império, onde o engenheiro **Carlos G. Rheingantz** informa na **pg. 8, da Edição de 1960**, peremptoriamente que: **A NOBREZA BRASILEIRA NÃO FOI HEREDITÁRIA**

Esse livro, **Titulares do Império**, foi feito de acordo com os **Decretos de Concessão, encontrados na Seção Histórica do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro** e amplia, completa e corrige o **Arquivo Nobiliárquico Brasileiro**, de 1918, do Barão de Vasconcelos e Barão Smith de Vasconcelos impresso em Lausanne sendo, portanto, a **referência máxima mais confiável** para o estudo da Nobreza Brasileira.

Todos os 1.211 títulos concedidos nos 67 anos de Império foram *ad personam*, isto é, valiam apenas para a pessoa agraciada em vida, pois a nobreza brasileira não é hereditária.

Nota: Nas cartas nobilitantes *ad personam*, a relação jurídica limita-se à concessão e ao recebimento da honraria pelo agraciado e, com sua morte, o título reverte à Coroa passando a integrar o patrimônio heráldico do Império onde permanecerá *in potentia* até que seja reabilitado por nova concessão do Imperador como único *fons honorum*, essa estratégia cria uma grande fidelidade e interesse, nas famílias agraciadas em perpetuar a Dinastia Bragança, que os dignificara como nobres e a cada sucessão tem que mostrar mais lealdade, para ser confirmado o Título, uma vez que não é hereditária a nobreza no Brasil

(*fons honorum*: direito de conceder títulos de nobreza e outras honrarias)

Nota: Apenas 5 sequências houve, em uma mesma família, com 3 títulos seguidos com o mesmo nome como, por exemplo, o 1º, 2º,

3º Barão Cachoeira, e apenas 1 família houve, com 4 títulos seguidos fantasiando uma hereditariedade inexistente, como é o caso dos Santa Justa, de Vassouras, RJ, concedendo o mesmo nome para o 1º, 2º, 3º Barão e a Viscondessa, todos de Santa Justa. A intenção/prerrogativa do Imperador, como *fons honorum*, fica perfeitamente clara e específica no *Título Campinas*, como informo abaixo, uma vez que, o Imperador determinando a falta do direito à hereditariedade do Título na mesma família, concede o mesmo título Campinas a 3 famílias sem nenhum parentesco entre si:

#1º Barão de Campinas: Bento Manoel de Barros a 21/9/1870,

#2ª Baronesa de Campinas a 9/1/1875 (depois Viscondessa de Campinas a 19/7/1879): Maria Luiza de Souza Aranha

#3º Barão de Campinas: Joaquim Pinto de Araújo Cintra a 13/8/1889 (no apagar das luzes do Império).

TITULARES

Nos 2 Reinados, Pedro 1º (1822-1831) e Pedro 2º (1840-1889), foram concedidos **1.211 títulos** para **986 indivíduos** de uma população que, em 1823, era de 4 milhões de habitantes e em 1889 era de 14 milhões de habitantes, ou seja, apenas **0,0070%** da população, nos **67 anos de Império**, recebeu um título que, foram assim distribuídos e custavam em **1860** (nessa época 1:000\$000 = 1 conto de réis comprava 1kg de ouro):

Pela tabela de 2/4/1860, ser nobre no Brasil custava em contos de réis, para cada aspirante ao título e para cada qualificação heráldica:

Duque > 2:450\$000=R\$ 245.000,00; houve 3 duques

Marquês > 2:020\$000=R\$ 202.000,00; houve 47 marqueses

Conde > 1:575\$000=R\$ 157.500,00; houve 51 condes

Visconde > 1:025\$000=R\$ 102.500,00; houve 235 viscondes

Barão > 750\$000=R\$ 75.000,00; houve 875 barões

E, além desses valores, havia ainda, os seguintes custos adicionais:

Papéis para a petição: 366\$000=R\$ 36.600,00

Registro do brasão: 170\$000=R\$ 17.000,00

Os valores acima foram atualizados considerando a gr.

de ouro a

R\$ 100,00.

Fonte: http://www.genealogiahistoria.com.br/index_historia.asp?categoria=4&categoria2=4&subcategoria=186. Acessado em 25/10/2017

ANEXO II – Sobre o Barão de Itatiba



Joaquim Ferreira de Camargo Penteado, Barão de Itatiba 🌐

Gênero: Masculino

Nascimento: circa 1808
São Roque, São Paulo, Brazil

Falecimento: 6 Junho 1884 (72-80)
Campinas, São Paulo, Brazil

Família imediata: Filho de Inácio Ferreira de Sá e Delfina de Camargo Penteado
Marido de Ana Francisca de Paula Camargo, Baronesa de Itatiba
Pai de Estanislao Ferreira de Camargo Andrade; Joaquim Ferreira de Camargo Andrade, 1º barão de Ibitinga; Candido Ferreira da Silva Camargo e Inácio Ferreira de Camargo

Irmão de Odorico Ferreira de Camargo
Meio-irmão de Joaquim Ferreira de Camargo

Adicionado Lucia Koch em 17 Novembro 2009
por:

Administrado Carla Assenheimer (C) e Lucia Koch
por:

<https://www.geni.com/people/Joaquim-Ferreira-de-Camargo-Penteado-Bar%C3%A3o-de-Itatiba/6000000017567748757> acessado em 25/10/2017

ANEXO III - Ensaio Fotográfico

Sobre a solidão e a frieza burguesa, autoria de Antônio José Scarpinetti

Sobre a solidão e a frieza burguesa
Antônio José Scarpinetti

Foto 1 - Amanhecer na Fazenda Ribeirão Bonito

Solidão de manhã
Poeira tomando assento
Rajada de vento
Som de assombração
Coração
Sangrando toda palavra sã
(Djavan. **Açaí**. Luz, 1982.)



Fonte: Fazenda Ribeirão Bonito (2013)

Serra do Japy – Jundiaí (SP)

Foto: Antônio José Scarpinetti

Foto 2 – Carro de boi

E quem garante que a História
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória

A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue
(Pablo Milanes e Chico Buarque de Holanda
Canción por la unidad de latino américa
Clube da Esquina II – 1978)



Fonte: Fazenda Ribeirão Bonito

Serra do Japy – Jundiá – SP (2013)

Foto: Antônio José Scarpinetti

Foto 3 – Sala principal no casarão



Casarão da Fazenda Ribeirão Bonito - Serra do Japy – Jundiá (SP)

Foto: Antonio José Scarpinetti

“Quem não sabe povoar sua solidão,

Também não saberá ficar sozinho
Em meio a uma multidão”.

Charles Baudelaire

Pequenos Poemas em Prosa, 1855.

Foto 4 – Escultura noturna



Fonte: Escultor Wilmo Rosada

Campinas (SP) – 2013

Foto: Antônio José Scarpinetti

Sim.

Minha força está na solidão.

Não tenho medo nem de chuvas tempestivas

Nem das grandes ventanias soltas,

Pois também sou o escuro da noite

Clarice Lispector

LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. 12 ed. Rio de Janeiro:
Rocco, 1998

Foto 5 – Porteira



Fonte: Pico Alto – Itatiba (SP) 2014

Foto: Antônio José Scarpinetti

Você não sabe a energia que reside no seu silêncio.

Franz Kafka

(Kafka, Franz, O processo, 1925)

Foto 6 – Cabeça de boi



Fonte: Pico Alto – Itatiba (SP)

Foto: Antônio José Scarpinetti

No pensamento

Um esqueleto abandonado –

Arrepios ao vento

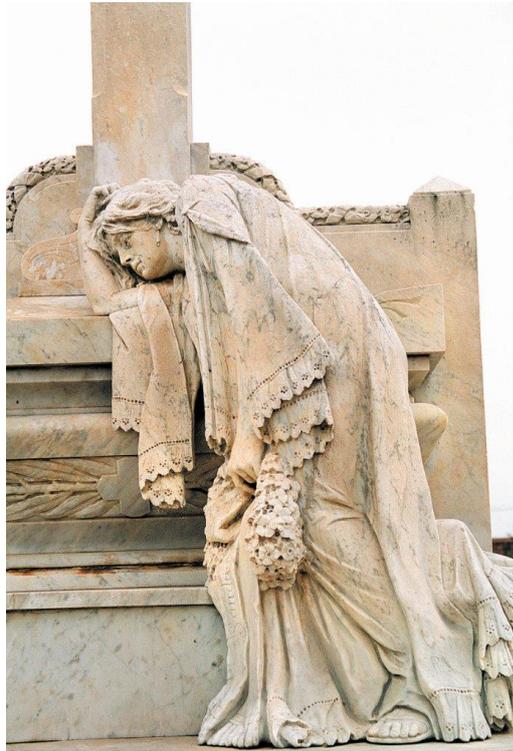
Matsuo Basho (1644-1694) Diário de um esqueleto abandonado ao tempo. Editora Seix Barad. 1981.

Foto 7 – Antigo armazém



Fonte: Fazenda em Santo Antônio da Posse (SP) (2017)
Foto: Antônio José Scarpinetti

O silêncio é a mais perfeita expressão do desprezo.
George Bernard Shaw

Foto 8 – Mulher de renda

Fonte: Cemitério da Saudade – Campinas (SP)

Escultor: M. Vélez

Foto: Antônio José Scarpinetti

Quando você foi embora
Fez-se noite em meu viver
Forte eu sou mas não tem jeito
Hoje eu tenho que chorar
Minha casa não é minha
E nem é meu este lugar
Estou só e não resisto
Muito tenho pra falar

Travessia (Milton Nascimento, 1989)

